

Trabalho de Conclusão de Curso

A Documentação Museológica no Núcleo de Estudos Açorianos: Análise de sistemas informacionais computadorizados.

Mônica Andrea Brogliatti Rocha

Esta pesquisa se propôs a desenvolver um estudo sobre a importância da documentação museológica no Núcleo de Estudos Açorianos. O estudo apresenta conceitos sobre as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação para compreender a teoria da documentação e em seguida discorrer sobre sistemas informacionais computadorizados seus conceitos e como os Museus entendem esses sistemas informacionais. Ressalta-se que a temática sobre a recuperação da informação é um elemento indispensável para que as informações indexadas no sistema informacional sejam recuperadas pelos usuários. A pesquisa tem como objetivo geral analisar o desempenho de qualidade dos sistemas informacionais computadorizados para a organização, recuperação e disseminação da documentação do acervo museológico do Núcleo de Estudos Açorianos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a
Renata Cardozo Padilha



Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Graduação em Museologia
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Federal de
Santa Catarina

Curso de
Graduação em
Museologia

Centro de Filosofia e
Ciências Humanas

Campus Universitário
Trindade
Florianópolis- SC

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso
de Graduação em Museologia, da Universidade Federal
de Santa Catarina para obtenção de Grau de Bacharel
em Museologia.

Orientadora: Prof^a.Dr^a Renata Cardozo Padilha.

Florianópolis, 2019

Mônica Andrea Brogliatti Rocha

A Documentação Museológica no Núcleo de Estudos Açorianos:
Análise de sistemas informacionais computadorizados.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
ao Curso de Graduação em Museologia, da
Universidade Federal de Santa Catarina para
obtenção de Grau de Bacharel em
Museologia. Orientadora: Prof^ª.Dr^ª Renata
Cardozo Padilha.

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Brogliatti Rocha, Mônica Andrea

A Documentação Museológica no Núcleo de Estudos Açorianos: Análise de sistemas informacionais computadorizados / Mônica Andrea Brogliatti Rocha ; orientador, Renata Cardozo Padilha, 2019.
120 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Documentação Museológica. 3. Sistemas informacionais computadorizados. 4. Recuperação da informação. 5. Núcleo de Estudos Açorianos.. I. Cardozo Padilha, Renata. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

Esta obra é licenciada por uma licença Creative Commons de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 3.0. Você pode:



- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.
- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Mônica Andrea Brogliatti Rocha

**A Documentação Museológica no Núcleo de Estudos Açorianos:
Análise de sistemas informacionais computadorizados.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Museologia.

Florianópolis, 26 de novembro de 2019.

Prof^ª. Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes
Coordenadora do Curso de Museologia.

Banca Examinadora:

Prof^ª.Dr^ª .Renata Cardozo Padilha,Dr^ª.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dr^ª.Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes ,Dr^ª.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr.Dalton Martins, Dr.
Universidade de Brasília

Tempo

*O "tic-tac" vai marcando cada momento de um dia morto
Você gasta à toa e joga no lixo as horas, descontroladamente
Perambulando de um lugar para outro em sua cidade natal
Esperando por alguém ou algo que te mostre o caminho
Cansado de tomar banho de sol
De ficar em casa vendo a chuva
Você é jovem, a vida é longa
E há tempo para desperdiçar
Até que um dia você descobre
Que dez anos ficaram para trás
Ninguém te disse quando começar a correr
Você perdeu o tiro de largada
E você corre e corre atrás do sol
Mas ele está se pondo
Fazendo a volta para nascer outra vez atrás de você
De uma maneira relativa o sol é o mesmo
Mas você está mais velho
Com menos fôlego e um dia mais perto da morte
Cada ano vai ficando mais curto
Parece não haver tempo para nada...*

(Time, Pink Floyd)

AGRADECIMENTOS

A gratidão é sem dúvida o melhor sentimento que podemos carregar ao longo da vida, e sou imensamente grata a cada experiência vivida durante o curso de graduação de Museologia, as Ciências Humanas concederam-me uma visão de mundo completamente ampla e me ensinou que o outro está em cada passo que damos. A graduação não foi feita apenas por mim mas por cada um da minha família, que ao longo desses 4 anos acompanhou minha trajetória de estudo, meus pais Diana Brogliatti Rocha e José Estanislau Rocha Neto, meu irmão Roberson Brogliatti Rocha, meus avós Teresa Acosta Brogliatti e Carlos Lotti Brogliatti González, minha madrinha que em muitos momentos me aconselhou e acolheu em horas de dúvida, amor eterno para você Sandra Brogliatti Acosta , meus gatos Yoshi e Yumi que em sua silenciosa presença conseguem me acalmar e finalmente aos meus entes queridos que perdi ao longo dessa vida que de alguma forma me acompanham e dão força para continuar em frente sempre.

Um obrigado especial à UFSC por ter me acolhido como graduanda, aos professores do curso de Museologia, a Coordenadoria Especial de Museologia e ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas, ao Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) que me recebeu como bolsista e incentivou minha pesquisa e possibilitou que o Núcleo fosse o objeto de pesquisa, com isso pude conhecer o grande trabalho desenvolvido para manter a cultura de base açoriana no estado de Santa Catarina. Um agradecimento especial também ao coordenador do NEA Francisco do Vale Pereira e minhas colegas e amigas Letícia Caroline Moraes de Lima e Grace Kelly Garcia que me acompanharam nessa jornada acadêmica e que ouviram minhas angústias e alegrias com paciência e carinho, Obrigado gurias, levo vocês no coração!

Obrigada á minha orientadora Renata Cardozo Padilha pela paciência e por todas as dicas de estudo e pesquisa sugeridas durante a execução deste estudo. E para finalizar agradeço a sábia decisão que tomei a 14 anos, deixando o interior do Rio Grande do Sul para vir à Florianópolis com muitos sonhos no coração e fé, de que um dia conseguiria estudar para ser uma pessoa melhor, e posso dizer que a jornada foi longa, mas cheia de aprendizado que farei o possível para compartilhar com pessoas que por diversos motivos cruzem na minha vida a partir deste momento.

“... A memória das máquinas se impõe pela sua grande estabilidade enquanto materialidade, e é sustentada pelo efeito de transparência produzido pela reprodução e condensação dos registros. Por outro lado, ela reproduz aquilo que já se tornou a memória do Homem, algo parecido ao tipo de memória que representa o livro, mas combinada, no entanto, com uma facilidade de evocação até então desconhecida.”

(Le Goff, 1992, p.94)

RESUMO

Esta pesquisa se propôs a desenvolver um estudo sobre a importância da documentação museológica no Núcleo de Estudos Açorianos. O estudo apresenta conceitos sobre as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação para compreender a teoria da documentação e em seguida discorrer sobre sistemas informacionais computadorizados seus conceitos e como os Museus entendem esses sistemas informacionais. Ressalta-se que a temática sobre a recuperação da informação é um elemento indispensável para que as informações indexadas no sistema informacional sejam recuperadas pelos usuários. A pesquisa tem como objetivo geral analisar o desempenho de qualidade dos sistemas informacionais computadorizados para a organização, recuperação e disseminação da documentação do acervo museológico do Núcleo de Estudos Açorianos. E os objetivos específicos são: apresentar o acervo museológico que compõe o Núcleo de Estudos Açorianos; Identificar as **características** e **subcaracterísticas** dos sistemas informacionais computadorizados para a padronização da documentação do acervo museológico do NEA; Comparar os sistemas informacionais computadorizados por meio da ISO/IEC 9621 para sugerir o sistema informacional computadorizado que melhor se adequa as necessidades de organização, recuperação e disseminação da informação do NEA. Os procedimentos metodológicos foram baseados no modelo de qualidade da ISO-IEC 9621 desenvolvendo uma análise para avaliar as características e subcaracterísticas dos *softwares* para assim sugerir o software que se adequa ao acervo museológico do NEA. Como resultado a pesquisa obteve 28 pontos positivos para o Tainacan e 25 pontos positivos para o AtoM demonstrados em gráfico. Sendo assim, conclui-se que, o *software* Livre Tainacan possui elementos que flexibilizam a indexação das informações que existem na ficha de catalogação da Instituição, por ser uma ferramenta dinâmica e intuitiva contribui para a socialização do acervo museológico do NEA.

Palavras-chave: Documentação Museológica. Sistemas informacionais computadorizados. Museologia. Núcleo de Estudos Açorianos. Recuperação da informação.

ABSTRACT

This research aimed to develop a study on the importance of museological documentation in the Azorean Studies Center. The study presents concepts on the areas of Archivology, Librarianship, Museology and Information Science to understand the theory of documentation and then discuss about computerized information systems their concepts and how Museums understand these information systems. It is noteworthy that the topic of information retrieval is an indispensable element for the indexed information in the information system to be retrieved by users. The research aims to analyze the quality performance of computerized information systems for the organization, retrieval and dissemination of documentation from the museum collection of the Azorean Studies Center. And the specific objectives are: to present the museum collection that compose the Azorean Studies Center; Identify the characteristics and sub-characteristics of computerized information systems for standardization of NEA museum collection documentation, compare computerized information systems using ISO / IEC 9621 to suggest the computerized information system that best suits the organization, retrieval and dissemination needs NEA information The methodological procedures were based on the quality model of ISO-IEC 9621 developing an analysis to evaluate the characteristics and sub-characteristics of the software to suggest the software that fits the NEA museum collection. As a result the survey obtained 28 positive points for Tainacan and 25 positive points for AtoM shown in graph. Thus, it is concluded that the Free Tainacan software has elements that make it easier to index the information that exists in the Institution's cataloging sheet, as it is a dynamic and intuitive tool that contributes to the socialization of the NEA museum collection.

Keywords: Museological Documentation. Computerized information systems. Museology. Azorean Studies Center. Information retrieval.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Modelo de qualidade para qualidade de produto externa e interna.....	21
Figura 2- Sede administrativa do Núcleo de Estudos Açorianos	30
Figura 3- Convite para Festa do AÇOR 2018	31
Figura 4 e 5- Acervo Bibliográfico	33
Figura 6- Miniatura carro de boi com detalhes de flores e uma pomba	34
Figura 7 - Levantamento de obras de arte e artesanato do NEA	35
Figura 8- Página inicial do AtoM	68
Figura 9- Tela de busca simples do <i>software</i> AtoM	69
Figura 10- Print da tela de navegação para registro de acervo.....	70
Figura 11- Print da aba Assuntos	71
Figura 12- Print da aba Local (<i>software</i> AtoM)	71
Figura 13- Tela inicial Museu Afro (<i>software</i> Tainacan)	74
Figura 14- Página inicial do wordpress(Plugin para Tainacan)	75
Figura 15- Tela do Tainacan do administrador da coleção	76
Figura 16- Primeiras configurações do Tainacan para administrador ...	77
Figura 17- Metadados criados pelo usuário do Tainacan.....	78
Figura 18- Tela para escolha dos metadados básicos (Tainacan)	79
Figura 19 - Gráfico dos Resultados da Avaliação dos <i>Softwares</i> AtoM e Tainacan	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Classificação dos procedimentos metodológicos.....	20
Quadro 2- Sistema de Numeração NEA	36
Quadro 3- Relações Terminológicas entre Arquivologia e Biblioteconomia.....	45
Quadro 4- Comparativo dos <i>Softwares</i> de Gestão de acervo museológico	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANSI/NISO- Guidelines for the construction, format and management of monolingual controlled vocabularies.
AtoM- Access to Memory
CC BY 4.0- Atribuição Internacional
CDWA- Categories for the description of works of Art.
CRM-CIDOC- Conceptual Reference Model
CIDOC- Comitê de Documentação do Conselho Internacional de Museus
CIMI- Computer Interchange of Museum Information
DC- Dublin Core
EAD- Encoded Archival Description
EDM- Entity Type Class
IBRAM- Instituto Brasileiro de Museus
ICA- Conselho Internacional de Arquivos
ICOM- The International Council of Museum
IEC- The International Electrotechnical Commission
IPHAN- Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional
ISAAR- Norma Internacional para os Registros de Autoridade relativos à Instituições
ISAD- Norma Internacional para Descrição Arquivística
ISDF- Norma Internacional para a Descrição de funções
ISAF- Norma Internacional sobre atividades e funções de entidades coletivas
ISDIAH- Norma Internacional para descrição de Instituições com acervo arquivístico
ISO- International Organization for Standardization
LIDO- Lightweight Information Describing Objects
MARC- Machine Readable Cataloging
MEDIALAB- Laboratório Universidade Federal de Goiás
MINC- Ministério da Cultura (extinto)- Secretaria Especial da Cultura- Ministério da Cidadania
MODS- Metadata Object Description Schema
MOMA- Museum of Modern Art
MYSQL- Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados
NEA- Núcleo de Estudos Açorianos
NISO- National Information Standards Organization
NOBRADE- Norma Brasileira de Descrição Arquivística

OAIS- Open Source Archival Resource Information System
RAD- Rules for Archival Description
SAAI- Sistema Aberto de Arquivamento de Informação
SECARTE- Secretaria de Arte e Cultura
SETIC- Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da
Informação e Comunicação
SPECTRUM- Padrão para Gestão de Museus
SQL- Structured Query Language
UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina
UNDERSTANDING METADATA- Website da NISO
UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e
Cultura
VRA- The Visual Resources Association
WORDPRESS- Content Management System

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Justificativa	17
1.2 Objetivos	18
1.2.1 Objetivo Geral.....	18
1.2.2 Objetivos específicos.....	18
1.3 Metodologia	19
Capítulo I: Núcleo de Estudos Açorianos: Memórias da Cultura de Base Açoriana em Santa Catarina	24
2.1 Cultura de Base Açoriana em Florianópolis.....	24
2.2 Histórico, Gestão e procedimentos do Núcleo de Estudos Açorianos	29
Capítulo II: A documentação Museológica : seus conceitos e a construção da prática Museológica.....	40
3.1 Documento e informação: Algumas discussões teóricas no entorno da documentação museológica.....	40
3.2 Discussão, Técnicas, Processos e perspectivas das Instituições Arquivos, Bibliotecas e Museus	45
3.3 Documentação Museológica e como é entendido o objeto e os sistemas informacionais computadorizados como suporte para a recuperação da informação museológica.....	47
Capítulo III: Apresentação dos <i>softwares</i> AtoM e Tainacan: Uma análise para discutir as características e subcaracterísticas de qualidade dos <i>softwares</i>.....	64
4.1 ATOM (Access to Memory)	64
4.2 TAINACAN	73
4.3 Avaliação dos Softwares AtoM e Tainacan	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

ANEXO A- Ficha de catalogação desenvolvida para o acervo do Núcleo de Estudos Açorianos.....	113
ANEXO B - Inventário desenvolvido para o Núcleo de Estudos Açorianos.....	115
ANEXO C- Termo de Doação para Acervo.....	118
ANEXO D- Termo de responsabilidade por empréstimo de materiais	119

1 INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa se apresenta a partir de três conceitos fundamentais: a organização, a disseminação e a recuperação da informação. Basicamente disseminar uma informação é tornar pública a produção de conhecimentos gerados ou organizados por uma Instituição. A temática escolhida se deu a partir do desenvolvimento do estágio obrigatório no NEA com atividades relacionadas á documentação museológica para o acervo bi e tri dimensional da Instituição, e também por ter uma graduação em Biblioteconomia me aproximando do tema e causando questionamentos em como organizar as informações extraídas da documentação para o meio digital. A disseminação é comumente entendida como equivalente a difusão, porém nos sistemas informacionais computadorizados, a disseminação carrega a informação. No entendimento de Buckland (1991, p.351), que apresenta em um dos processos, a informação como coisa explicando que a noção de informação passou a ser utilizada amplamente se referindo a comunicações, banco de dados, livros e objetos. Além disso, o conceito de “informação como coisa”, é de fundamental importância pois a palavra informação possui uma polissemia de significados e definições e o conceito pensado por Buckland contribuiu para que a informação possuísse nos sistemas de informação, nos sistemas especializados e sistemas de recuperação de informação, uma definição para a transformação em conhecimento.

Se por um lado o conhecimento e a “informação como conhecimento” são intangíveis, a “informação como coisa” é tangível. Sendo assim, “o que se pode tocar ou medir diretamente não é conhecimento, mas alguma coisa física, possivelmente informação como coisa” (1991, p.351). Para esse fim, acompanhando a proposta de Ana Lúcia Siaines de Castro (1999), “compreendemos a informação museológica partindo do princípio do objeto como agente de informação e construtor de significados, e do espaço museológico como narrador deste”. O desafio que está posto se centra na tentativa de transformar a informação científica em conhecimento, sendo que esta se constitui como ponto de partida.

Portanto, não basta disseminar sem um requisito preponderante que é a recuperação da informação, pois esta possibilidade só existe se a Instituição conseguir que o acervo seja documentado, e oportunizar por meio de vocabulários controlados a recuperação da informação armazenada no sistema informacional computadorizado.

O Núcleo de Estudos Açorianos se reconhece como um centro de pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina, que possui um acervo museológico tanto bidimensional quanto tridimensional, e que possui uma importância substancial para a comunidade acadêmica que busca pesquisar sobre a Cultura de Base Açoriana no Estado de Santa Catarina. A documentação museológica é recente no NEA, que possui uma história de 35 anos como núcleo de pesquisa universitário, além da documentação, a instituição busca automatizar seu acervo a fim de facilitar as demandas dos funcionários do NEA e dos públicos que pesquisam no núcleo.

Para tanto, esta pesquisa busca estabelecer um comparativo entre sistemas informacionais computadorizados de acervos para que possa atender as necessidades informacionais da instituição. A preocupação com um sistema informacional computadorizado advém de proporcionar uma organização, disseminação e recuperação da informação mais eficiente tanto para os funcionários quanto para os pesquisadores que procuram o NEA como fonte de informação. E para que haja uma democratização do acesso à cultura de base Açoriana por meio de fundamentais tarefas de preservação e divulgação de seu acervo.

A documentação museológica possui diversos estudiosos que se debruçaram sobre o assunto, Camargo-Moro (1986, p.41), definia “a documentação como um conjunto de procedimentos técnicos que visa o controle do acervo, assegurando também os direitos de posse dos objetos para a instituição através da criação de instrumentos técnicos de valor legal”. A autora supracitada afirma que a documentação em museus é uma atividade relacionada à “ciência da preservação”, e assim procura firmar para a Museologia uma questão fundamental: a preservação dos bens culturais.

Em concordância com a ideia de preservação, os sistemas informacionais computadorizados garantem recursos disponibilizados com parâmetros para cada tipologia de acervo museológico, o que significa que metadados padronizados podem proporcionar informações suficientes para alimentar sistemas voltados para a documentação museológica.

A necessidade de conhecer o acervo do NEA por meio da documentação museológica gerou o questionamento sobre: **Como os sistemas informacionais computadorizados podem contribuir com a organização, disseminação e recuperação da informação do NEA?**

A normalização não só aumenta a eficiência dos sistemas de documentação, como estimula o intercâmbio e a cooperação em nível

institucional, nacional e internacional. Os Museus já não podem trabalhar isoladamente, é necessário que aconteçam intercâmbios para que a complexidade da documentação museológica seja compreendida como uma forma de afirmar a memória, a preservação e a disseminação das informações contidas nos acervos museológicos.

1.1 Justificativa

Ao longo da graduação identifiquei a existência de uma lacuna no cerne da Museologia, que é a Documentação Museológica. A questão não é apenas os procedimentos envolvidos na prática da documentação, mas a não padronização desses procedimentos.

O primeiro desafio é entender que a documentação museológica não é apenas necessária, mas essencial para que as instituições se reconheçam e possam comunicar seus acervos para os diferentes públicos que os visitam.

Com a documentação museológica alinhada pode-se, por exemplo, compreender e gerir o acervo museológico, de forma que o mesmo comunique a seus públicos a que veio, ou seja, a missão da instituição por meio de seu acervo.

A importância de uma documentação museológica está centrada no fato de que ela é um método específico que estabelece um processo ou um fluxo. Utilizando esse método de documentar podem-se gerir as coleções por meio do fluxo de informações geradas pela documentação.

É importante ressaltar que independente das etapas de documentação desenvolvidas, levantamento, arrolamento, inventário, essas são geralmente executadas manualmente e por uma equipe reduzida e que por isso acaba muitas vezes, postergando a documentação para outros momentos. Porém, muitas instituições compreendem que é vital documentar para que seus acervos museológicos possam comunicar e apresentar sua identidade.

A automatização das informações retiradas dos levantamentos, arrolamentos, tabela de identificação dos acervos fazem com que a instituição juntamente com seus funcionários percebam que a disseminação, divulgação e a recuperação das informações são fundamentais para que o NEA alcance seu propósito de preservação da memória e disseminador de informações sobre a cultura de base açoriana.

Porém não basta automatizar as informações em um sistema sem levar em consideração critérios ou padrões que colaborem para o acesso

das mesmas. A comparação proposta neste estudo visa demonstrar que os critérios existentes na ISO/IEC 9126 sobre a qualidade de *softwares* devem ser utilizados para que os profissionais de museus, estudantes de Museologia e museólogos tenham ciência desses padrões e assim possam aplicá-los quando haja necessidade de avaliação de um sistema informacional computadorizado em seu ambiente de trabalho.

As vantagens de se possuir um sistema informacional computadorizado no NEA é justamente alcançar um público maior de pesquisadores e de curiosos pelo assunto da cultura de base açoriana por meio da recuperação e disseminação das informações automatizadas do acervo museológico.

Os desafios de se sugerir um sistema informacional computadorizado para o NEA é a capacitação futura dos estagiários, pois como o núcleo conta com bolsistas com contratos transitórios e uma nova equipe necessita de capacitação para uso do sistema informacional computadorizado. Além disso, a documentação museológica ainda está sendo efetuada, portanto é uma tarefa que requer cuidado e investigação para que as informações coletadas sejam organizadas e representadas de forma correta no sistema.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar o desempenho de qualidade dos sistemas informacionais computadorizados para a organização, recuperação e disseminação da documentação do acervo museológico do Núcleo de Estudos Açorianos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Apresentar o acervo museológico que compõe o Núcleo de Estudos Açorianos;
- Identificar as **características** e **subcaracterísticas** dos sistemas informacionais computadorizados para a padronização da documentação do acervo museológico do NEA;
- Comparar os sistemas informacionais computadorizados por meio da ISO/IEC 9621 para sugerir o sistema informacional computadorizado que melhor se adequa as necessidades de organização, recuperação e disseminação da informação do NEA.

1.3 Metodologia

Os procedimentos metodológicos são utilizados e descritos por meio de várias etapas de trabalho e determinação com base na proposta de Appolinário (2009) e Creswell (2010). Appolinário (2009, p.35), apresenta oito passos para que se desenvolva uma pesquisa científica, são eles: a) Determinar o tema e problema de pesquisa; b) determinar os objetivos; c) determinar o tipo de pesquisa; d) construir a revisão de literatura; e) escolher os sujeitos de pesquisa; f) determinar os instrumentos e procedimentos de coleta de dados; g) transcrição e análise de dados; e h) discutir resultados e conclusão.

O tipo de pesquisa tem características que a classificam como bibliográfica e documental, sendo que apresenta elementos de revisão de literatura e a estratégia empregada é do tipo documental. Vergara (2007, p.48), “argumenta que na pesquisa bibliográfica, o estudo é sistematizado e desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, etc.” Na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico (OLIVEIRA, 2007).

Sobre a forma de abordagem, a pesquisa caracteriza-se como quali-quantitativa, sendo que pode ser classificada como método misto de acordo com Creswell (2010, p. 27),

[...] é uma abordagem de investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa. [...] Por isso, é mais do que uma simples coleta e análise de dois tipos de dados; envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior o que a da pesquisa qualitativa e quantitativa isolada.

Para que se compreenda melhor, o quadro 1, a seguir apresenta os procedimentos metodológicos que utilizaremos neste estudo, com o auxílio de autores supracitados para basear a pesquisa.

Quadro 1- Classificação dos Procedimentos Metodológicos

Abordagem	Quali-quantitativa(CRESWELL, 2010).	
Classificações	Quanto aos fins	Bibliográfica-Vergara (2007, p. 48) Documental-Oliveira (2007, p.70).
Universo da pesquisa	Tipo de amostra	Não probabilístico- (CRESWELL, 2010).
<i>Corpus</i> da pesquisa	Com os dados levantados dos sistemas AtoM e Tainacan, suas especificidades serão analisadas em conjunto com os atributos de cada sistema.	
Estratégia de pesquisa	Com as informações das características, analisarei os campos necessários para que um dos dois sistemas informacionais computadorizados atendam as diferentes tipologias do Núcleo.	
Métodos de pesquisa	Com a comparação entre os sistemas será possível obter uma amostragem que comprove o desenvolvimento do estudo e que contribua para uma futura instalação de um sistema informacional computadorizado no NEA.	
Instrumento de pesquisa	Critérios de qualidade de software- ISO/ IEC 9126-1.	

Fonte: CRESWEL, 2010.

Para obter os critérios foi recorrido à ISO/ IEC 9126-1, a escolha deste modelo se deu por ser um padrão muito utilizado por Instituições (empresas, bibliotecas, arquivos, museus, etc), pois é um pré-requisito que deve ser conquistado para colocar um *software* como suporte para acessibilidade a diferentes tipos de acervos. E assim dessa forma, avaliar as demandas internas do NEA e possibilitar uma sugestão de sistema informacional computadorizado que se adapta melhor ao acervo museológico do NEA.

O quadro 4 comparativo dos *softwares* (Capítulo III), teve como fonte a dissertação de Carolina Marçal “Em busca de um padrão de metadados para gestão de acervos museológicos de Museus Históricos: Uma solução aplicada ao MAHLS”. Com este quadro (4), procuramos elencar as **características** de qualidade de *software* que são: funcionalidade, confiabilidade, usabilidade, eficiência, manutenibilidade, portabilidade e acesso ao produto. Pressman (2011, p.70), define, “a qualidade de software sendo a conformidade de requisitos funcionais e de desempenho que foram explicitamente declarados, a padrões de desenvolvimento claramente documentados, e a características implícitas que são esperadas de todo *software* desenvolvido por profissionais”.

Figura 1: Modelo de qualidade para qualidade de produto externa e interna – ISO/IEC 9126-1



Fonte: Nascimento, 2010.

Com os critérios de qualidade acima mencionados (figura 1), e que estão na ABNT 2003 é possível analisar os sistemas AtoM e Tainacan, analisando suas **características e subcaracterísticas**. Somando essa análise e os critérios de qualidade dos *softwares*, a análise gerou resultados para sugerir o sistema informacional computadorizado que melhor se adapta às tipologias do acervo do NEA.

Os sistemas informacionais computadorizados AtoM e Tainacan foram escolhidos para a análise neste estudo por serem sistemas criados para atender às necessidades representacionais dos objetos de museus

em ambientes digitais de forma livre, existem muitos *softwares* dentre eles o Omeka, Collective Access porém existem algumas restrições para o uso de tais sistemas como a falta de uma opção para o ícone de multilíngue, o que obriga o usuário a ter conhecimentos principalmente de inglês. Desta forma durante os testes executados com esses *softwares*, o AtoM mesmo que desenvolvido para o ambiente arquivístico, e o Tainacan com metadados livres para customizar conforme a necessidade do usuário foram escolhidos pensando também na facilidade de manutenção, rapidez de atendimento e o baixo custo para o NEA.

Em consulta ao plano diretor da Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da Informação e Comunicação da UFSC, verificou-se que a intenção é, “Promover a escolha e adoção de soluções de *software* baseadas em soluções livres ou proprietárias, utilizando como critério de escolha o benefício efetivo para a Instituição em curto e longo prazo;” (UFSC/SETIC: 2016-2020, p.31)

Pensando em uma interoperabilidade selecionamos dois sistemas informacionais computadorizados que são livres e que possuem metadados que podem ser customizados conforme a tipologia do acervo museológico, esses requisitos possibilitou fazermos uma análise entre eles. A questão é que existem, ferramentas específicas para se trabalhar com objetos culturais e artísticos, como o CDWA, o CCO, etc. Contudo, não abrangem todos os campos necessários. A tendência agora, é a busca de interoperabilidade entre esses modelos.

Para a seleção dos sistemas também foi analisado os dados concedidos em estudo desenvolvido pelo IBRAM em conjunto com entidades internacionais chamado “Acesso Digital Ampliado ao Patrimônio Museológico dos Países de Língua Portuguesa”, os dados são do ano 2010 e demonstram em números os sistemas mais utilizados no Brasil, porém o AtoM foi criado com intuito de atender acervos arquivísticos, mas com as diferentes versões desde 2007, inseriu metadados que possibilitam a inclusão de acervos museológicos, e o Tainacan criado pela Universidade Federal de Goiás em conjunto com IBRAM em 2014, foi pensado para acervos museológicos, por terem sido criados com intenções diferenciadas e com 7 anos de diferença de construção entre eles a análise de critérios de **características** e **subcaracterísticas** foi executada sobre eles.

Fazendo uso das tecnologias se acrescenta uma melhoria na realização de pesquisas e na preservação da memória, segundo Murgia e Ribeiro (2001), “a memória-rede não precisa de uma ordem prévia, é o próprio movimento desnortado, no sentido fragmentado”. Ou seja, com a ideia de rede os museus tentam alcançar o armazenamento, a

recuperação e a organização de seus acervos. Com a metodologia proposta no estudo haverá a análise de **características** e **subcaracterísticas** essenciais para a organização, disseminação e recuperação do acervo museológico do NEA.

Capítulo I: Núcleo de Estudos Açorianos: Memórias da Cultura de Base Açoriana em Santa Catarina.

Este capítulo propõe apresentar a cultura de base Açoriana e uma breve história de seu desenvolvimento na Ilha de Santa Catarina e como a partir dessa cultura surgiu o movimento açorianista culminando com o Núcleo de Estudos Açorianos (NEA). Além disso, explicitaremos o trabalho desenvolvido pelo NEA, no que diz respeito a documentação do seu acervo museológico a fim de gerir e disponibilizar às informações em um sistema informacional computadorizado para proporcionar futuras pesquisas. Apresentamos também marcos dentro do histórico da Instituição e algumas das atividades desenvolvidas pelo NEA junto à comunidade catarinense.

2.1 Cultura de Base Açoriana em Florianópolis.

Com a vinda dos açorianos na Ilha de Santa Catarina a partir de 1748, reúne-se uma história de dois séculos entre ilhéus e açorianos, possibilitando o desenvolvimento de uma cultura tradicional, em que a base demográfica é originária do Arquipélago dos Açores. (FARIAS, 1998)

A colonização açoriana visou dois objetivos distintos: de um lado resolver o problema de parte da população das ilhas, que formava uma população desprovida de terras para cultivo e sem emprego; de outro lado, atender às necessidades políticas do Reino, de ocupação das terras do sul do Brasil, disputadas com a Espanha (FUNDAÇÃO CULTURAL FRANKLIN CASCAES, 2008).

Com a chegada dos açorianos a uma terra desconhecida foi necessário que eles se adaptassem às transformações em seu modo de viver e de ser. Os açorianos eram um povo simples e trabalhador, em geral dividiam-se entre a pesca e o trabalho na lavoura. Os alimentos que cultivavam eram para seu próprio sustento, o que excedia era trocado por outros alimentos; “praticamente não existia moeda, a economia era a base de trocas. Plantavam principalmente café, cana-de-açúcar e mandioca, sendo esta última um dos principais alimentos consumidos” (TASCA; BONA, 2009).

Na ilha, os colonos foram encaminhados para Trindade, Ribeirão, Lagoa, Ratoles, Santo Antônio, Canasvieiras, Rio Vermelho e Rio Tavares. A adaptação dos açorianos foi lenta e difícil. Sua tradicional cultura do trigo não se adequou ao clima da região, além do que as características físico-químicas do solo ilhéu, de baixos teores de fósforo,

potássio e matéria orgânica, se traduzem em baixa fertilidade, não propiciando as culturas anuais. Poucos também receberam as vacas e éguas prometidas. Além disso, os braços mais fortes eram chamados ao treinamento militar – em 1754 existiam 18 “companhias de paisanos”, somando 1300 homens. Como resultado de tudo isto, as terras eram abandonadas e o trabalho agrícola substituído por ofícios urbanos diversos e pela pesca. Os que ficaram na terra acabaram por ter no cultivo da mandioca, desconhecida nos Açores, a atividade básica, e no preparo da farinha, a principal fonte de renda. Portanto, “como resultado disso, as terras eram abandonadas e o trabalho agrícola substituído por ofícios urbanos diversos e pela pesca”. (FUNDAÇÃO CULTURAL FRANKLIN CASCAES, 2008, p.25).

Formando parte da população da Ilha, os açorianos participaram de modo decisivo na elaboração da cultura local. As técnicas de pesca, o carro-de-bois, a olaria de cerâmica utilitária e decorativa, a renda de bilro, o “boi-na-vara” e a “farra-do-boi”, as festividades do Divino, o “pão-por-Deus”, os fandangos, etc.

Contudo ações foram e estão sendo realizadas para que se possa revitalizar elementos da cultura açoriana em manifestações folclóricas, danças, literatura popular, religiosidade, produção artesanal e até mesmo na gastronomia. Desta forma “estudos etnográficos auxiliam a conhecer as pessoas e cada realidade cultural, para que façam sentido às suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam”. (FARIAS, 1998, p.56).

O entendimento de cultura vinha sendo aplicado no sentido da produção, cultivo, trato com a terra, criação, experimentos em cultura e outros. “Edward Tylor, Spengler, Radcliff Brow, Malinowski, Durkheim e outros, muito contribuíram para consolidar o emprego e o estudo da cultura e como desvinculá-la do conceito de civilização” (PEREIRA, 2003). Em síntese, cultura é o complexo de coisas e acontecimentos considerados num contexto; é todo complexo vivencial particular de cada agrupamento humano, ou seja, suas formas particulares de fazer, do sentir, do ser e do pensar; simbolismo de vida.

No sentido antropológico, portanto, a cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. Ela, como “os textos teatrais, não pode prever completamente como iremos nos sentir em cada papel que devemos ou temos necessariamente que desempenhar, mas indica maneiras gerais e exemplos de como pessoas que viveram antes de nós os desempenharam”. (DA MATTA, 1981)

Assim, podemos considerar que, cultura popular deve ser mais dinâmica e sujeita às mudanças, à adaptabilidade, variações e

transformações. Segundo Pereira (2003, p.99), “podemos entender por cultura popular os modos de fazer, sentir, pensar e simbolizar próprios, e, portanto, produzidos pelas camadas populares de cada sociedade”.

A cultura é dinâmica por se tratar de vivências humanas, obedecendo a um fluxo de criatividade na medida em que a sociedade se moderniza e universaliza, acrescentando novos e variados traços.

Por meio do dinamismo da cultura, aconteceram retomadas açorianistas em diferentes momentos, “em um primeiro momento, foi com Franklin Cascaes em 1977, com a concepção de presépios expostos na praça XV feitos de vegetais, trazendo um grande número de pessoas curiosas pela obra e por ser de material de natureza da ilha” (LEAL, 2007, p.52). A partir dele da divulgação de seus contos entre 1984 e 1985, o tema das bruxas é exaltado através de um enredo de escola de samba e por uma peça, disseminando assim seus contos e a magia da Ilha de Santa Catarina.

Nesse momento ocorre uma segunda retomada dos açorianistas, com a Oktoberfest ¹em 1984, que mesmo sendo representada pela etnia alemã serviu como **inspiração** para que a Marejada² em Itajaí no ano de 1987 fosse criada, segundo Severino (1999), “a marejada nasce sob o signo de um paradoxo. Itajaí possui uma marca colonizadora alemã muito forte, porém foi em torno da referência portuguesa, num primeiro momento, e da marca açoriana, depois, que a Marejada se estruturou”.

¹ OKTOBERFEST-Em Blumenau, o movimento folclórico começou em julho de 1984, dois meses antes da primeira Oktoberfest, com a fundação da Blumenauer Volkstanzgruppe – Grupo de Dança Folclórica de Blumenau. Embora no passado os bailes populares e as danças de moda da época fossem comuns na região, não haviam sido instituídos, pelos imigrantes, grupos de danças folclóricas, tampouco danças folclóricas haviam sido introduzidas ou anotadas (KIEFER, 2004, p. 3).

² Marejada- A Marejada é considerada a festa portuguesa e do pescado. Foi lançada no ano de 1987 na cidade de Itajaí e ocorre anualmente no mês de outubro. Além do cunho cultural, a festa foi previamente pensada, de modo que gerasse também um retorno financeiro à própria cidade. Com a criação da festa Marejada, o Governo de Itajaí, mais precisamente a Secretaria de Turismo do município, buscava chamar a atenção do turista fora da época de veraneio (BERTOLINI, 1997).

Entre os ativistas do açorianismo, existe uma sensibilidade às misturas, adaptações e miscigenações entre elementos açorianos de outras proveniências.

De acordo com Francisco Pereira do Vale (2007, *apud* Leal, 2007, p.101):

Tudo (...) o que sabemos é que tem [no litoral de Santa Catarina] um grande fundo de origem açoriana. Mas tecnicamente sabemos também que existe muita cultura, tanto portuguesa-não só açoriana específica, mas portuguesa - mais ainda cultura indígena, que é muito presente na nossa formação cultural, além da cultura negra (...). Claro que também nós sabemos que aqueles primeiros açorianos que vieram para cá tiveram de fazer uma readaptação do seu dia-a-dia, do seu quotidiano. E nisso também, eu pelo menos tenho consciência de que houve também uma adaptação da sua cultura.

Com isso, essa segunda retomada açorianista proporciona o conceito “cultura de base açoriana” é por meio dos escritos de Vilson Farias (2000), que o conceito é explicado. Para o autor “a cultura de base açoriana fundamenta-se nos valores transplantados do arquipélago dos Açores, a que se somaram os valores da cultura vicentista, bem como das culturas indígenas, negra, entre outras”.

Com essa definição, a cultura de base açoriana não limitaria a sua capacidade de atração aos descendentes dos casais açorianos que colonizaram o litoral de Santa Catarina. Tendo-se misturado com outras culturas presentes no litoral catarinense, ela seria também a cultura de referência de muitos “descendentes de outras culturas que praticam esses valores com a mesma intensidade que os descendentes luso-açorianos.” (LEAL, 2007, p.102).

Em entrevista concedida (Leal *apud* Peninha, 2000), explica o motivo de usar o termo cultura de base açoriana:

[...] a gente usa sempre essa expressão: manifestação cultural de base açoriana. Porque veio da Europa para os Açores e aí, naquele caldeirão açoriano [adquiriu] uma nova forma cultural (...), mas aqui acrescentou ainda a presença indígena e a africana. Por isso é que a gente define a cultura daqui do litoral de Santa Catarina como de base açoriana: porque é muito mais do que só isso, ela também acrescenta o indígena e o africano.

Podem-se observar elementos das culturas africanas e indígenas como por exemplo, “o boi-de-mamão, desconhecido da cultura açoriana das ilhas e que tem em sua formação elementos de gênese africana, indígena e ‘cabocla’, a exemplo da gastronomia à base de mandioca ou milho com o beiju, o cuzcuz e a bijajica” (CAMPOS, 2009, p.41).

O conceito de cultura de base açoriana possibilita uma maior abertura para a diversidade dos acervos culturais abrangidos pelo paradigma açorianista. Segundo Leal (2007), a redescoberta das raízes açorianas em Santa Catarina, acontece com a 1º Semana de Estudos Açorianos, que tem como sede a USFC.

Conforme Farias (1998, p.304),

A Universidade Federal de Santa Catarina, através do Núcleo de Estudos Açorianos, à frente deste processo de retomada cultural, tem conseguido mobilizar o litoral catarinense em torno de seus valores. O orgulho, reprimido pela simplicidade do povo, revelou-se altivo, ao sentir ameaçados os valores culturais “do saber se e do saber fazer de base açoriana”.

Portanto, com o movimento açorianista acontecendo e a redescoberta de uma cultura de base açoriana engendrada na Ilha, o Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) firmou-se como cerne da cultura de base açoriana.

2.2 Histórico, Gestão e procedimentos do Núcleo de Estudos Açorianos.

O Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) da Universidade Federal de Santa Catarina foi criado em, 5 de setembro de 1984, com o propósito de realizar pesquisas da Cultura de base Açoriana. Esse início da Instituição estava voltado para pesquisas acadêmicas, mas em 1993 houve uma reestruturação do NEA, com intuito de transpor os muros da Universidade e alcançar a comunidade litorânea catarinense. Nessa nova fase, o NEA vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, tornou-se um órgão de articulação institucional, com isso, o movimento açorianista começa a ser projetado de uma forma mais alargada junto à sociedade,

O NEA passa a ter como uma das suas preocupações centrais a cobertura de toda área litoral catarinense, alargando o movimento para fora da Ilha de Santa Catarina, onde ele se encontrava até então confinado, e dando-lhe uma expressão geográfica coincidente, no limite, com a área da colonização açoriana de 1748 (LEAL, 2007, p. 56).

Segundo a Portaria de Criação do NEA (UFSC, 1984), foram três considerações que levaram a criação do núcleo para a comunidade, são elas:

- Considerando a necessidade de manter um banco de dados sobre os estudos açorianos realizados e em realização;
- Considerando a necessidade de propiciar o intercâmbio entre os vários estudiosos envolvidos;
- Considerando a necessidade de desenvolver uma política de ação comunitária, voltada para a população de origem açoriana.

Com a portaria transformada em Regimento interno a nova reestruturação coloca em foco a viabilidade e o desenvolvimento de ações interdisciplinares e multi-institucionais relacionadas com as questões da cultura açoriana para, através da soma dos esforços dos diferentes agentes culturais envolvidos, formular políticas culturais de

médio e longo prazo, para as áreas de base cultural açoriana no litoral catarinense. (UFSC, 1993)

No ano de 1993 é criado o Conselho Deliberativo do NEA, o conselho é formado segundo Pereira (2015, p.28) “por representantes de Prefeituras Municipais do litoral do Estado de Santa Catarina e por Fundações Culturais e Universidades Regionais que atuam nesta área”.

A autora Pereira (2015), afirma também que, “o Conselho se reúne mensalmente para discutir ações, fazer o intercâmbio de pesquisas e planejar eventos”. Também algumas Associações e Grupos Folclóricos ligados a cultura açoriana, e que estão oficialmente constituídos e regulamentados, são membros do referido Conselho.

O NEA está diretamente vinculado a Secretaria de Cultura e Arte (SeCArte), atendendo 60 municípios do litoral de Santa Catarina (SECARTE -gestão 2012-2016). Sua sede administrativa está localizada no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, ao lado do Museu de Arqueologia e Etnologia - Oswaldo Rodrigues Cabral (MarquE), no Campus Trindade em Florianópolis.

A referida sede (figura 2), foi construída com o apoio do Governo de Portugal, por meio de um aporte financeiro oferecido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. A Sede foi inaugurada em 01 de dezembro de 2003 com a presença do Presidente do Governo Regional dos Açores. (PEREIRA, 2015)

Figura 2: Sede administrativa do Núcleo de Estudos Açorianos



Fonte: Foto Joi Cletison Alves (Arquivo Pessoal).

O Núcleo organiza diferentes atividades e ações para atender os objetivos de seu Regimento Interno, as atividades são: A festa Açor que

está em sua 26ª edição, exposições, projeto Saber Fazer, Assessoria para grupos folclóricos, Troféu Açorianidade, orientação para alunos de pós-graduação, entrevistas para tv, rádio, assessoria a prefeituras, Mapeamento da Cultura Açoriana, entre outras. O projeto Saber Fazer,

Incentiva os artesãos ao uso de matérias-primas disponíveis na região para produzirem seus trabalhos conforme os conhecimentos tradicionais aprendidos com os idosos, passado por gerações, além de promover oficinas com esses artesãos para o repasse dessas técnicas de produção. (PEREIRA, 2015, p.32)

O mapeamento da cultura açoriana tem como propósito servir de apoio para a comunidade interessada na cultura açoriana, ou para pesquisas de graduação e pós-graduação, com os dados coletados no mapeamento o NEA disponibiliza os dados de forma estruturada para que professores, pais e alunos tenham acesso assim contribuindo para que possam organizar suas atividades por meio dos dados disponibilizados no seu site.

A festa AÇOR (figura 3) busca fortalecer as relações entre a cultura e a arte com as atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, sensibilizando estudantes, docentes e servidores técnicos administrativos em educação como também, a comunidade externa em geral. O evento segundo Pereira (2015), “é gratuito e estruturado a partir da oferta de conteúdos culturais e artísticos, estendendo suas ações para além dos muros universitários, buscando contribuir para a formação cultural e artística de toda a comunidade”.

Figura 3: Convite para Festa do AÇOR 2019.



Fonte: SISNEA, 2019.

O AÇOR conta com “apresentações culturais e folclóricas, palestras, exposições e oficinas, que envolvem a música, a dança, a gastronomia, a religiosidade, o artesanato e cantorias que herdamos dos açorianos” (UFSC, 2014a).

Todas estas atividades e ações tornam o NEA e a sua atuação, um fundamental elo entre a Universidade e a comunidade catarinense transformando a cultura em um processo participativo dentro da perspectiva humana e social. O caráter institucional do NEA voltado para a memória da cultura de base açoriana, o classifica para musealizar seus objetos e torná-los acervo museológico para servir como informação para pesquisa para a comunidade acadêmica e posteriormente como conhecimento para as sociedades.

A coleção do NEA é permeada por uma memória histórica e cultural, desta forma “ela pode se estender a uma população local ou até maior dependendo das proporções da coleção e de quanto ela é divulgada” (PEDRÃO; BIZELLO, 2016).

Ainda tendo como base a autora Oliveira (2005, p. 117), que defende que, “a coleção é um conjunto de registros, seja de lugares passados, momentos ou pessoas que constituem a história do colecionador, levando em conta que esses objetos são também carregados de história”.

A relação de coleção e colecionismo advém de diversas narrativas do ponto de vista da história, da cultura e da arte, a partir do estudo das trajetórias das coleções das Bibliotecas, dos Gabinetes de Curiosidades, dos Museus “são possíveis as identidades colecionistas que, através de formas estranhas à sua criação originária, permitam que tais objetos colecionados passem também por uma (re)significação determinada pela posse”. (ESPÍRITO SANTO, 2011p.31)

Por ser um Núcleo atuante na UFSC por 35 anos, foi adquirindo diversos acervos, hoje tendo sua própria biblioteca, com vários livros sobre a temática da Cultura de Base Açoriana, imigração, colonização, folclore, culinária e hábitos de todo litoral catarinense, bem como dos Açores. “Possui um acervo de 467 objetos tridimensionais que estão sendo documentados, catalogados que representam o folguedo do boi-de-mamão, utensílios domésticos, artesanatos e arte” (LEMOS 2015, p.36).

Portanto pode-se dizer que o acervo museológico compreende o conjunto de bens culturais, de caráter material ou imaterial, móvel ou imóvel, que integram o campo documental de objetos/documentos que corresponde ao interesse e objetivo de preservação, pesquisa e

comunicação de um museu. O NEA possui acervo bi e tri dimensional, acervo bibliográfico (figuras 4 e 5) e arquivístico, este último são documentos produzidos de forma interna. Contabilizando em números a biblioteca possui 1606 livros, 220 vídeos (DVD'S), 1352 CDs, todos com a temática da História e da Cultura dos Açores e de Santa Catarina. A referida biblioteca abre diariamente para consultas de alunos dos vários níveis de escolaridade, destacando-se os alunos dos cursos em nível de graduação e pós-graduação, como também para consultas de pesquisadores, professores de todos os níveis de ensino, e de pessoas interessadas sobre a temática açoriana (UFSC, 2014a).

Figura 4 e 5: Acervo Bibliográfico



Fonte: NEA, 2019.

O acervo fotográfico possui 3982 fotografias na sua maioria de momentos da festa AÇOR³. O referido acervo além de conter informações sobre o próprio Núcleo possui também “informações relevantes para todos que trabalham com a cultura de base açoriana no estado, pois as imagens retratam o trabalho da comunidade catarinense em eventos promovidos pelo NEA” (LE MOS, 2015, p.36). O acervo fotográfico foi numerado primeiramente pelo bolsista Leonardo Hermes Lemos no ano de 2015 e posteriormente por Leticia Caroline Moraes de Lima e Mônica Rocha utilizando os procedimentos da documentação museológica, tais como: arrolamento, inventário, etc.

A coleção do NEA (figura 6), conta com diferentes tipologias de acervo, tais como: bonecos de palha, pano, gesso; louças de cerâmica, argila; cestos de vime, palha; troféus e medalhas com madeira, acrílico,

³ A Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina- AÇOR, “é uma festa realizada anualmente em uma cidade do litoral catarinense, sendo o NEA o promotor da festa” (LE MOS, 2015, p.36).

bronze, roupas com tecidos de organza, cetim, algodão, bordados de pedras e miçangas; chapéus de feltro, palha; coroa de pedras e miçangas; sapatos de couro e madeira, entre outros.

Como exemplo, apresenta-se o seguinte objeto:

Figura 6: Miniatura carro de boi com detalhes de flores e uma pomba



Foto de Leticia Lima, 2019.

O NEA possui objetos que carregam não apenas informações, mas uma memória coletiva composta por diversas representações sociais e culturais, na qual se faz “presente no patrimônio material, ilustrada por objetos, espaços, edificações, imagens; ou no patrimônio material, através do inconsciente, das lembranças e sentimentos. Por isso, é considerada simbólica, em permanente construção e reconstrução”. (POSSAMAI, 2001, p. 98).

Também pode-se destacar ,a preocupação do Núcleo não somente com o caráter da materialidade dos objetos do seu acervo ,mas com a questão da imaterialidade da cultura açoriana no estado ,sendo que trabalha para que muitos dos conhecimentos tradicionais do litoral catarinense, seja preservado e transmitido mesmo com o passar do tempo. (LEMOS, 2015) Um exemplo desta preocupação, são as imagens captadas durante a Festa Açor que mostram com potencialidade os aspectos da cultura de base açoriana em Santa Catarina.

Por este viés, conseguimos entender que, o NEA tem como função a pesquisa levando a percepção que a instituição está ligada a produção de informação (UFSC,1993). É possível observar a forma e a preocupação do NEA com a produção e preservação de informações, que guardem vestígios das histórias, memórias e fatos vivenciados na trajetória de diferentes gerações. Por esse motivo, o acervo está sendo

arrolado, inventariado para receber sua marcação e assim possuindo uma documentação dentro das normas.

No processo de documentação do Núcleo, o primeiro procedimento executado pelas bolsistas foi construir o sistema de documentação e o levantamento do acervo, que colocamos em tabelas com suas descrições físicas, foto com frente e verso dos objetos (assim podemos verificar se existem outras numerações), campo para as observações caso o objeto tenha alguma parte quebrada ou com fissuras, etc.

Para Camargo-Moro (1986, p. 41), “um bom sistema de documentação exige regras escritas, estudos e pesquisas eficientes sobre o objeto e muita disciplina e atenção no trabalho”. Regras e rotinas bem definidas são as garantias do fácil acesso e manutenção do sistema, e devem estar prescritas em manuais de serviços.

A Tabela de Levantamento de Acervo (figura 7) é uma importante ferramenta, pois os resultados obtidos a partir da sua aplicação evidenciam que a ausência de uma documentação museológica pode prejudicar e até mesmo fragilizar os trabalhos junto ao acervo de uma instituição, à medida que se desconheça o número total de objetos. Somente a partir da inserção de todos os objetos numa planilha é que a instituição tomará ciência sobre o número real de objetos por ela salvaguardados, além de informações preliminares sobre o seu estado de conservação e sobre a classificação dos acervos segundo suas tipologias. “A Tabela de Levantamento de Acervo é uma importante etapa para o Diagnóstico de Acervo, contudo, o diagnóstico não se encerra nessa ação” (BAUER, *on line*, 2019).

Figura 7: Levantamento de obras de arte e artesanato do NEA

LEVANTAMENTO DE OBRAS DE ARTE E ARTESANATO DO NÚCLEO DE ESTUDOS AÇORIANOS - NEA

Foto do objeto	Número do Registro Anteriores	Nº Registro Atual	Objeto	Material	Observações
	1	NEA.398 3	Copa com Bandeira pequena Pomba do Divino Espírito Santo	Gesso	Pomba com asa colada (asa esquerda)
	2	NEA.398 4	Bandeira pequena Pomba do Divino Espírito Santo	Madeira/Gesso	1999 Sarrif' Ana – Mirim Objeto consta quebrado no topo do objeto, onde se localiza a pomba.
	3	NEA.398 5	Bandeira pequena Pomba do Divino Espírito Santo	Madeira/Gesso	Imbituba (SC) Haste de madeira está quebrada. Pomba com asa de gesso/lascada.

Fonte: NEA, 2019.

A partir do diagnóstico do acervo pode-se escolher o Sistema de Numeração para todo o acervo museológico (NEA. 001 e assim por diante), ou seja, um sistema de ordem numérica crescente simples identificando a ordem de entrada e registro do objeto. Com a numeração definida começou-se a pensar em uma ficha de catalogação com campos de descrição baseado na tabela de levantamento feita anteriormente. O quadro 2 exemplifica o sistema de numeração escolhido pela equipe do NEA.

Quadro 2 : Sistema de Numeração NEA

<p>NEA.105.1</p> <p>NEA.- Sigla do Núcleo 105- Número de registro .1- Desdobramento do número de registro.</p>
--

Fonte: Mônica Rocha, 2019.

A ficha de catalogação (ANEXO A) pensada para atender a tipologia do acervo do NEA possui os seguintes campos: número do objeto, outros números, objeto, data de aquisição, medidas (dimensões), estado de conservação (ótimo, bom, regular, ruim), histórico do objeto, referências, etc. A ficha de catalogação foi criada a partir de modelos do livro de Camargo-Moro (1986, p.12) sobre documentação museológica. O intuito da ficha do NEA é preenchê-la para que posteriormente essas informações sejam automatizadas permitindo a recuperação informacional dos objetos.

Cada ficha de catalogação deverá possuir os campos citados acima, mas com cabeçalho identificando o Núcleo a hierarquia a que ele pertence, existindo um lugar específico para a foto do objeto (frente e verso). Para só então começar os campos da ficha de catalogação com as informações.

A distribuição das informações na ficha de catalogação são agrupados “sob conceitos que correspondem às características comuns, ou seja, esses conceitos fazem referência a: identificação, características, entrada e história do objeto”. Dentro de cada conceito tem um número de informações que se referem ao objeto. (PORTA; MONTSERRAT; MORRAL, 1982, tradução nossa).

O importante no processo de descrição na ficha de catalogação é reunir informações, que satisfaçam as necessidades do Núcleo, porém existe a consciência de que alguns campos as informações ficarão

incompletas por não termos à disposição os atributos precisos ou que se perderam por algum motivo.

No caso específico da ficha de catalogação adotada, existe, um limite no preenchimento pela escassez de informações de alguns objetos, isso implica no registro do “possível”, apostando na possibilidade de completar os campos a partir de informações levantadas em projetos futuros. A partir do preenchimento da ficha de catalogação podemos alcançar três elementos que estão inter-relacionados com a gestão de acervo: o registro, a preservação e o acesso controlado, possibilitando ao Núcleo gerir seu acervo museológico de forma eficaz.

Cumprindo a função de preservar seus acervos o NEA, inclui coletar, adquirir, armazenar, conservar, restaurar e documentar assim transformando seu acervo em fonte de informação para pesquisa científica e de comunicação para o público. (FRIGO, 2008)

A política de aquisição é feita por meio de termo de doação e empréstimo e termo de direito de uso de imagem criados para quando haja essas demandas no Núcleo. Esta política básica foi pensada para evitar a problemática do acervo museológico se perder e para se obter um maior controle sob o mesmo. (VER ANEXO C e D)

Considerando a afirmação de LADKIN, 2004, p. 18,

Para que a gestão de coleções tenha sucesso, as decisões sobre o acervo do museu devem ser sempre tomadas de modo consistente e após consideração cuidadosa. Uma tomada de decisão eficaz fundamenta-se numa política eficaz. Por essa razão, o documento mais importante do acervo do museu é a Política de Gestão do Acervo.

Ou seja, a Política de Gestão de Acervo se fundamenta em duas ações contínuas e sistemáticas: a aquisição e o processamento técnico de acervos (SALADINO, 2013). Tais ações basilares, por sua vez, fundam-se na pesquisa e conformam a identidade do acervo museológico da Instituição.

A política de gestão de acervo do NEA ainda está em construção, pois como já mencionado existem apenas os termos de doação e empréstimo, ainda não há uma política de descarte de acervo (documentada), sendo que a partir da sua Política de Acervo, um museu poderá, de forma embasada, clara e organizada:

Adquirir acervos em consonância com suas diretrizes e linhas de pesquisa; Dar transparência e

seriedade ao processo decisório e respaldo à tomada de decisão; Manter o equilíbrio e a integridade na formação do acervo; Melhorar a organização e otimização das atividades; Respeitar a identidade dos acervos; Viabilizar o descarte de acervos não pertinentes à sua política (MAST, 2011, p.3).

Com isso o NEA, tem possibilidade de obter um maior controle da entrada do acervo tanto museológico quanto bibliográfico, e assim determinar qual objeto deve ser incorporado ao acervo museológico e qual deve ser dada baixa da instituição, essas definições foram necessárias para o reconhecimento dos objetos ou da coleção com a finalidade de pesquisa, comunicação e preservação do acervo museológico do núcleo.

Um Museu que possui uma boa política de aquisição dignifica não apenas seu acervo, mas também seu doador, seu legatário, seu coletor, enfim todos aqueles envolvidos na transação (CAMARGO-MORO, 1986).

No caso dos museus (instituições às quais se atribui a responsabilidade da salvaguarda e divulgação de coleções) o inventário é, para além de uma ferramenta de gestão, uma fonte de produção de conhecimento que permite uma visão global e integrada sobre os objetos. O inventário pode ser também, “um levantamento com foco em alguma parte da classificação do acervo, a fim de, criar catálogos temáticos que fornecem uma noção mais específica do mesmo”. (BRAGA, 2013). Daí que de todos os tipos de inventário de coleções, o realizado pelas instituições museológicas é com certeza o mais complexo.

Os registros de inventário são, para além de formas de localização e reconhecimento do objeto, ferramentas de investigação, divulgação, gestão de acervo, e segurança. Nesse sentido, as entidades responsáveis pela salvaguarda, gestão e divulgação de objetos culturais podem ser consideradas também entidades que gerem a informação (administrativa e documental) relacionada com as suas coleções. (BRAGA, 2013)

No caso do NEA, o inventário está sendo executado em forma de levantamento, focando na sua catalogação com registro fotográfico e marcação. O inventário refere-se à quantidade de objetos presentes no acervo, à sua numeração, à fotografia e à descrição minuciosa da peça, acrescida de seu histórico.

O inventário provisório do NEA ainda está sendo desenvolvido pelos bolsistas, baseado na normativa 31 de julho de 2014 do IBRAM pelo extinto Ministério da Cultura. Porém existem dados que são difíceis de preencher, pois os objetos do NEA não possuem todas as informações determinada pela normativa.

Portanto, em discussão entre o coordenador e as bolsistas foi decidido que o NEA, desenvolve-se um modelo de inventário para posterior uso pela instituição, o intuito desse instrumento é auxiliar no preenchimento do Inventário dos Bens Culturais Musealizados do Núcleo de Estudos Açorianos (VER ANEXO B). Com o inventário e a catalogação dos objetos instrumentos basilares para que as informações se transformem em uma documentação museológica, de forma organizada relacionando o acervo em conformidade ao sistema documental adotado pela Instituição. A documentação permite que a premissa de um Museu seja alcançada por meio de pesquisa, um espaço onde os testemunhos materiais sejam vistos como suportes de informação e detonadores de questionamentos e, portanto, geradores de conhecimento. Desta forma, “como veículos de informação, [os museus] têm na conservação e na documentação as bases para se transformar em fontes para a pesquisa científica e para a comunicação que, por sua vez, geram e disseminam novas informações”. (FERREZ, 1994, p. 2).

Organizar as informações coletadas com a pesquisa, não é uma tarefa simples, até mesmo porque a informação é entendida como tal dentro de uma visão em que o histórico, o social e o cultural são determinantes. Em outras palavras, a informação só se faz dentro de um sistema simbólico e de significação que tem sentido em conformidade com a sociedade que a produz, quer dizer, o seu contexto. Sendo assim, organizar a informação reflete esses aspectos, os quais influenciam sua atividade.

O que é objeto de museus e acervos museológicos, como diferenciá-los e o porquê de tais diferenças, o que é o processo de **musealizar** e como a gestão documental está correlacionada com este processo. A forma de “perceber” o acervo museológico descrevê-lo, registrá-lo, dá contornos à informação que será socializada e disponibilizada posteriormente no sistema informacional computadorizada. A investigação do acervo museológico do NEA acontece por meio dos diferentes instrumentos e técnicas da documentação museológica, campo este que será abordado no capítulo a seguir.

Capítulo II: A documentação Museológica: seus conceitos e a construção da prática Museológica.

O presente capítulo apresenta uma discussão acerca dos conceitos de documentação museológica, acervo, organização da informação, documento e informação. Como as diferentes instituições Arquivos, Bibliotecas e Museus se caracterizam e como suas práticas se relacionam, para isso é feita uma apresentação do que essas instituições têm como premissa. Portanto, o que se propõe no capítulo é discutir a fundamentação teórica de autores como Ferrez (1991; 2002), Cândido (2006), Matos (2007), Yassuda (2009), entre outros, para compreender os conceitos que instigaram esta pesquisa.

3.1 Documento e informação: Algumas discussões teóricas no entorno da documentação museológica.

Para Chagas (1994), o documento é compreendido como "aquilo que ensina" (doccere) ou mais precisamente aquilo que pode ser utilizado para ensinar alguma coisa a alguém. Segundo o autor, o conhecimento, como se sabe, não está embutido no documento e da relação que com o documento/testemunho se pode manter.

Le Goff (2003, p.94), afirma que “o documento resulta de uma produção/montagem, consciente ou inconsciente da história por uma determinada época e sociedade que o produziu, mas também sobrevive a outras épocas que sucedem a de sua produção. Documento é uma coisa que fica. É monumento”.

Por outro lado, o documento é compreendido como "suporte de informações" que só podem ser preservadas e resgatadas através do questionamento (CHAGAS,1994).É importante ressaltar que o conceito de documento, que Chagas nos apresenta se constitui no momento em que lançamos o nosso olhar interrogativo em um documento, aqui se referindo a objetos como suporte para fazer relações sobre as conjunturas do contexto histórico de tal objeto, ou seja, o documento se desdobra em objetos, livros, papéis, coleção, patrimônio cultural e natural, assim, os documentos estão presentes tanto nos museus quanto nos arquivos e nas bibliotecas.

Meneses (1998, p.15) entende o objeto como suporte de informação, segundo o autor “no objeto encerram-se as informações intrínsecas, aquelas que referenciam aos atributos físicoquímicos (forma geométrica, cor, peso, textura, dureza, etc), e as informações extrínsecas, as quais são inferidas, dando origem aos discursos sobre o artefato, que

podem ser falsos, enquanto sua integridade física corresponde à verdade objetiva”.

De acordo com Chagas (1994), o conceito de documento nos leva aos conceitos de patrimônio e memória, sendo que patrimônio é considerado pelo autor, um conjunto de bens culturais sobre o qual incide uma determinada carga valorativa. E o conceito de memória pensado por Chagas é “documento como aquilo que ensina” ou como suporte de informação”, ou seja, não há aprendizagem e não há informação sem a presença da memória. Mesmo quando pensamos a informação como o novo, o inesperado, ou aquilo que não se podia prever (CHAGAS, 1994,p.5). A memória justifica o novo, a informação e a redundância.

O documento constitui-se, assim, um instrumento precioso que,
 [...] possibilita a geração de novas mensagens ou a recuperação de antigas. Por isso criamos documentos incessantemente constituindo um universo de novas possibilidades para decifrar os enigmas de nosso entorno, e eles são a memória viva do passado e do futuro, essência potencial e atualizável quando tratamos de interpretar ou de iluminar os acontecimentos cotidianos, fonte primitiva de informação para nova informação. (...) A vida se perpetua em documentos e nos traços que, sobre eles, deixaram as pessoas que nos precederam no tempo. Por outro lado, o documento também aprisiona o tempo e torna viável, por essa razão, a consciência histórica. (López Yepes, 1997, p.13-14, tradução nossa)

Ainda assim, “[...] qualquer documento como suporte pode conter determinado conhecimento e servir de meio de transmissão de conhecimento”(HERNÁNDEZ, 2006, p. 163). Considerando documento como suporte de informação, a autora Padilha (2014, p.12), menciona que “qualquer objeto produzido pela ação humana ou pela natureza, independentemente do formato ou suporte, possui registro de informação. O documento pode representar uma pessoa, um fato, uma cultura, um contexto”. Entretanto a autora supracitada também diz que “o documento é suporte que evidencia algo a alguém e que, ao passar por um processo técnico específico, manifesta seu potencial

informativo” (PADILHA, 2014, p.11). Por meio do documento a informação é apresentada e, assim, permite que o indivíduo produza conhecimentos diversos.

Para Loureiro (2013, p.174),

O documento é uma representação, um signo, isto é, uma abstração temporária e circunstancial do objeto natural ou acidental, constituído de essência (forma ou forma/conteúdo intelectual), selecionado do universo social para testemunhar uma ação cultural.

Portanto, documentar de acordo com Loureiro (2013, p.175), “é, sobretudo no âmbito museológico, integrar em conjuntos significativos as tradições, diferenças e dispersões que caracterizam as ciências, saberes e discursos contemporâneos com os grupos sociais”.

Lund(2009) verifica que a noção de documento é composta de três aspectos complementares: o físico, o social e o mental, perspectivas bem difundidas na concepção de outro termo, informação.

Reig Cruañes (2005), mesmo considerando a perspectiva antropológica do documento, principalmente ao trazer a afirmação de Otlet (1934), que via o documento como memória materializada da humanidade, privilegia a perspectiva objetiva. Nela o autor destaca a funcionalidade do documento como “meio de transmitir informação”, ou seja, a fixação de informação sobre algum suporte material com intenção de comunicar uma mensagem.

Para isso a informação não possui apenas um conceito, ela pode ter segundo Capurro (2003), “três grandes formas de compreender a informação: como algo físico, como algo associado a uma dimensão cognitiva e, enfim, como fenômeno de natureza intersubjetiva, social”.

Podemos compreender que a informação está atrelada a um documento, que comporta um significado e que, ao entrar num processo comunicativo, emite uma mensagem.

A informação, para poder ser utilizada por mais pessoas sem limitações de tempo e espaço, supõe que a mesma tenha sido “documentada”, ou seja, registrada. O registro torna a informação menos volátil e mais portátil. A informação não registrada em algum tipo de suporte, tecnologia ou código, por mais importante que seja não é passível de uma socialização mais ampla, uma vez que seu acesso é condicionado pelas variáveis espaciais e temporais. (SMIT, 2012)

A informação, no contexto da Ciência da Informação, é registrada e institucionalizada. Para poder cumprir sua missão as configurações informacionais devem, além de selecionar, organizar e disponibilizar a

informação – atribuindo-lhe um selo de qualidade – que se dá por meio de sujeitos que utilizam a informação.

Os Museus produzem e processam informações extraídas dos itens de suas coleções- individualmente ou em conjunto- de modo a gerar novas informações. O museu desempenha papel ativo como produtor de informação, a qual ultrapassa a mera função de mediador, assim sendo, a instituição museológica emerge em um contexto de valorização da informação (ALVARES, 2015).

Para tratar de documento e informação, temos que levar em consideração, o que cada um destes elementos significam para as instituições culturais, que as manuseiam, tratam e disseminam, conforme suas diferentes técnicas arquivísticas, biblioteconômicas e museológicas.

3.2 Discussão, Técnicas, Processos e perspectivas das Instituições Arquivos, Bibliotecas e Museus.

A discussão desenvolvida neste subitem tem como propósito apresentar as instituições de memória, suas técnicas e processos, pois o NEA como um Núcleo de Estudos voltado para pesquisa e ações de atividades culturais desenvolve atividades ligadas a arquivo (documentação administrativa), Biblioteca (acervo bibliográfico) e Museu (acervo museológico).

Partindo do pressuposto de que Arquivos e Arquivologia; Bibliotecas e Biblioteconomia e Museus e Museologia, considerando ainda que em muitas instituições e coleções estas fronteiras são tênues. Destacamos que, “mesmo diante da discussão teórico-metodológico das especificidades de cada área, é possível apontar como similaridades, ou ‘aquilo que as une’, dois elementos: a informação e o usuário”. (SANTOS; LUZ; AGUIAR, 2015, p.11). Mas cada Instituição possui suas peculiaridades para tratar seus elementos, a seguir apresentaremos cada Instituição e sua forma de tratar a informação para seus usuários/públicos.

Arquivos segundo o dicionário de terminologia arquivística, trata-se de um “conjunto de documentos que, independente da natureza ou do suporte, são reunidos por acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.15).

Arquivo são os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades

privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.

Do ponto de vista da Arquivística, podemos entender o documento como uma “unidade de registro de informações, em qualquer suporte ou formato, suscetível de consulta, estudo, prova e pesquisa.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.30).

Para a Biblioteconomia, os livros e outros materiais de uma biblioteca são descritos para divulgação e acesso, sendo tratados como unidades com título, autor e assunto definidos, enquanto os documentos de arquivo são o resultado de uma atividade desempenhada por conta de uma função e são organizados em conjunto de acordo com estas funções. (SANTOS; LUZ; AGUIAR, 2015, p.105).

A aproximação entre a Documentação e a Biblioteconomia está relacionada às linguagens documentárias, sobretudo porque o código de Classificação Decimal Universal (CDU), publicado pela primeira vez em 1905, e incorporado às bibliotecas, foi o instrumento que apresentou para muitos profissionais a Documentação. Contudo, Fonseca (1988), ao distinguir a Biblioteconomia da Documentação, considera que esta última se ocupa da representação da informação científica por meio da elaboração de resumos e índices. Sabe-se que, atualmente, essas práticas já foram incorporadas ao fazer bibliotecário e está presente no cotidiano das bibliotecas especializadas e não especializadas.

Para compreender como a informação se relaciona com outras terminologias, que são trabalhadas de formas diferentes na Arquivologia, Biblioteconomia, apresentamos no quadro 3 a seguir, essas relações com as terminologias usadas.

Quadro 3 – Relações terminológicas Arquivologia e Biblioteconomia.

<p>Documento</p> <p>Materialidade enunciativa e crítica.</p> <p>Dado</p> <p>Relações de significado quantitativo (metadados) e qualitativo (conteúdos histórica e cognitivamente potenciais dos sujeitos da informação).</p> <p>Mensagem</p> <p>Interações sociais entre sujeitos da informação</p> <p>Informação</p> <p>Interação social</p> <p>Estrutura social</p> <p>Hermenêutica</p> <p>Apreensão, compreensão e apropriação</p> <p>Comunicação</p> <p>Processos humanos de descobertas e construções de mensagens e significados</p> <p>Conhecimento</p> <p>A informação tem base em conhecimentos prévios e tem a finalidade de construir novos conhecimentos.</p>

Fonte: Silva; Gomes, 2015, p.17

Estas relações acontecem no âmbito da Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da informação, na Museologia a informação é tratada por Scheiner (2005), com as relações entre a Museologia, a Semiologia e a Ciência da Informação. Segundo a autora, “parte-se dos estudos de linguagem para a construção de terminologias específicas, representativas das diferentes funções do Museu”. Assim, encontram-se vinculados a esta linha de pesquisa todo o trabalho de documentação museológica, processamento técnico, desenho e operação de bancos de dados e instrumentos de comunicação museológica. Isto porque, conforme ressalta a autora, “somente é possível empreender tal estudo quando se entende o Museu como um espaço de relação, ou como uma instância de produção e circulação de informação” (SCHEINER, 2005, p.6).

Os Museus possuem a tríade: preservação, investigação e comunicação, ao abordar essa tríade Julião (2006), os define “como campos de atuação distintos e complementares ao funcionamento adequado dos museus, os quais também devem manter equilíbrio entre si”. A autora ressalta que os museus têm, em seus acervos, objetos como documentos da cultura material, os quais servem como fonte de investigação de pesquisas históricas no espaço museológico.

Podemos dizer que Arquivos, Bibliotecas e Museus possuem familiaridades, porém com técnicas específicas, por exemplo, se pensarmos nas características principais de cada instituição, observamos que: - Arquivo: Sua organização espelha a instituição de que tratam os documentos; - Bibliotecas: Sua organização espelha a organização dada às áreas do conhecimento; - Museus: Sua organização espelha recortes de tempo, de assunto, e da memória. (ALVARES, 2015, p.7)

Portanto, o Museu, na qualidade de instância de representação da memória social e espaço no qual a informação é considerada insumo cultural, é terreno propício para o desenvolvimento de estudos e ações relacionados à informação.

Para Chagas (2006, p.8), “o museu é capaz de conduzir seu visitante para um mundo ‘imaginário’, estabelecendo narrativas explicativas conforme uma construção prévia do conhecimento e da memória”. Assim sendo, a Museologia pode ser entendida como uma ciência que perpassa por diversos campos do saber humano no que tange a preservação de uma memória ou da recuperação de uma informação por meio de vestígio, documentação ou acervo.

As instituições museológicas são compreendidas como práticas sociais colocadas a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e comprometidas com a gestão democrática e participativa. (IPHAN, 2004)

As convergências existentes entre as três instituições Arquivos, Bibliotecas e Museus foi muito discutida no século XX, pois mesmo existindo semelhanças entre as instituições, às diferenças estão em suas práticas, o autor Homulus discute sobre essas convergências, em um artigo de 1990, afirmando que estas instituições possuem características em comum e fazem parte de um espectro ou continuum de instituições que possuem necessidades específicas, mas problemas comuns, e diferenciam-se uma das outras pela natureza de suas coleções, pelos objetivos de suas instituições e pelo público atendido. Destacava, já naquele momento, que as diferenças entre essas instituições tenderiam a desaparecer com a era eletrônica. (HOMULUS, 1990).

Respeitadas as diferenças decorrentes da natureza diversa de cada tipo de coleção, alguns procedimentos são muito semelhantes. De qualquer forma, a compreensão dos aspectos teóricos envolvidos no tratamento da informação são essenciais na organização das coleções tanto na Biblioteconomia, quanto na Museologia ou na Arquivologia, ainda que recebam denominações diversas e que os procedimentos adotados não sejam idênticos.

Para isso é importante ressaltar, como a documentação museológica é praticada e como os procedimentos agregam na gestão das coleções a partir do tratamento e a organização aplicados pelas instituições.

3.3 Documentação Museológica, como é entendido o objeto e os sistemas informacionais computadorizados como suporte para a recuperação da informação museológica.

A documentação nasceu como uma divisão da Biblioteconomia, que era considerada muito geral em seus procedimentos de organização da informação. A documentação se propõe a tratar a informação de uma maneira mais detalhada.

A documentação é uma atividade fundamental no museu, embora, por décadas, tenha sido vista como atividade secundária em relação às atividades de coleta e preservação. A documentação museológica surgiu em decorrência do desenvolvimento dos museus modernos, quando meras listas de acesso se tornaram insuficientes e uma informação mais detalhada passou a ser necessária para administrar as coleções e reunir objetos para exposições especiais e, a partir dos anos 1960, para dar apoio a seus programas educacionais e atender à pesquisa (ALMEIDA, 2016).

Segundo Matos (2007, p.16),

[...] Com o desenvolvimento e democratização dos Museus e com o desenvolvimento das ciências que se reúnem à volta destas instituições percebeu-se a necessidade da criação de sistemas de classificação e registro de informação sobre as coleções que fossem para além do simples registro. A necessidade de registar para salvaguardar ainda se mantinha, como é óbvio, mas foram sendo criadas outras às quais foi/é necessário dar resposta.

Os grandes fatores de estímulo ao desenvolvimento da documentação nos museus foram à informatização e a pressão pelo acesso à informação e pelo intercâmbio de informações e conhecimentos.

Nos anos 1950, surgiu o Comitê de Documentação do Conselho Internacional de Museus - CIDOC/ICOM, que já se preocupava com o desenvolvimento de padrões para a descrição de objetos e de vocabulários controlados que auxiliassem nos trabalhos de documentação nos museus. (ALMEIDA, 2016). Dessa maneira, o propósito de um vocabulário controlado é organizar a informação e prover terminologia para a catalogação e recuperação de informação. “Ao mesmo tempo em que capturam a riqueza de termos variantes, os vocabulários controlados também promovem consistência em termos preferidos e a atribuição dos mesmos termos a um conteúdo similar”. (HARPRING, 2013, p.18).

A documentação em museus é um tema que provoca inquietação na área da Ciência da Informação, pois não se enquadra em sistemas codificados como na documentação de bibliotecas e arquivos. Pois, na Biblioteconomia a documentação é feita a partir de códigos como a CDD, CDU e AACR2 ⁴estes códigos possuem padrões que são o parâmetro para a catalogação e indexação na área de biblioteconomia. Na Arquivologia a codificação é feita a partir de séries, ou seja, órgãos e suas subdivisões, atividades funcionais ou grupos documentais da

⁴ CDD- foi criada em 1876 e divide o conhecimento em nove classes; contém ainda uma décima para as obras gerais; vejamos então as classes principais: As linhas gerais deste sistema foram apresentadas em 1876 por Melvil Dewey, que sofreram algumas alterações. No ano de 1895, Paul Otlet e Henry La Fontaine trouxeram a Classificação Decimal para a Europa, mas necessitaram fazer algumas alterações e extensões, surgindo então a CDU. (HENN, Gustavo. CDD CDU e LCC. Disponível em: <https://biblioteconomia.org/2007/07/10/cdd-cdu-e-lcc/>. Acesso em: 01. dez.2019).

CDU- é um sistema de classificação bibliográfica que abarca a totalidade dos conhecimentos em dez classes principais, ramificadas até ao infinito. As classes são um conjunto de elementos que têm características comuns. Esta classificação funciona no mínimo com três dígitos, que podem ser acompanhados por extensões, as subdivisões são acompanhadas por símbolo. (HENN, Gustavo. CDD, CDU e LCC. Disponível em: <https://biblioteconomia.org/2007/07/10/cdd-cdu-e-lcc/>. Acesso em: 01. dez.2019).

AACR2-Código de Catalogação Anglo-Americano. 2. ed., revisão 2002, reimpressão. São Paulo: FEBAB, 2010. 2 v. ISBN 9788585024048.

mesma espécie são consideradas unidades para fins de descrição. E na Museologia, a heterogeneidade do patrimônio cultural e a distinção do acervo dos museus determinam a necessidade de uma maior amplitude nos campos de descrição, de forma a atender a todas as demandas informacionais. Assim, “cada peça do acervo deve ser tratada individualmente, mesmo fazendo parte de uma coleção específica, além do mais, as características inerentes a cada instituição museológica, privilegia um tipo específico de informação”. (YASSUDA, 2009, p.26)

O acervo se destaca independente do tipo de suporte e da tecnologia e ênfase no cuidado com os registros, sua organização e preservação. De acordo com Smit (2008), “a documentação de hoje oscila entre acervo e acesso”.

A organização de um acervo acontece por meio de um sistema estudado pela Biblioteconomia, chamado de Linguagens documentárias sua principal finalidade é a recuperação de documentos, com uma estrutura própria, controlada e hierarquizada. Com essa estrutura a linguagem documentária alcança o objetivo de indexação, o principal objetivo da linguagem de indexação é assegurar o controle de vocabulário para assuntos gerais e específicos. O termo Linguagem de Indexação⁵ é utilizado nas diferentes tipologias dos sistemas de informação. (FUJITA, 2003).

Os museus como instituições que possuem responsabilidades científicas, educacionais, culturais e sociais, que envolvem diferentes formas de representação do conhecimento (YASSUDA, 2009). Dentro do contexto museológico as informações devem favorecer a aproximação entre o indivíduo e o acervo, auxiliando o intercâmbio entre ambos.

Compreende-se por “documentação museológica o conjunto de informações sobre cada item dos acervos museológicos e sua respectiva representação por meio da palavra e da imagem” (ALVARES, 2019). Esse gênero textual, além disso, “implica em um sistema de recuperação informacional capaz de transformar as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica”. (FERREZ, 1994).

⁵ A indexação é uma técnica de análise de conteúdo que condensa a informação significativa de um documento, através da atribuição de termos, criando uma linguagem intermediária entre o usuário e o documento. É um dos processos básicos de recuperação da informação. Pode ser realizada pelo homem (indexação manual), ou por programas de computador (indexação automática).

Para entender a documentação precisa-se antes, considerar os objetos das instituições, assim não basta descrever fisicamente o objeto, é preciso reconstruir sua história. (FERREZ, 1994). Os objetos produzidos pelo homem são portadores de informações intrínsecas e extrínsecas que, para uma abordagem museológica, necessitam ser identificados para isso devem ser descritos e analisados, destacando uma vez mais a importância da documentação.

Segundo (PADILHA, 2014, p.30),

Quando o objeto museológico é identificado, passa a compor uma coleção determinada pela instituição e assim se torna elemento de algo ainda maior, denominado acervo museológico. São muitos os motivos que levam os museus a salvaguardarem os objetos em seu acervo: por ser raro, pela sua fabricação, pelo valor científico e cultural, pela preciosidade do material ou pela sua antiguidade. No entanto, é notório que qualquer uma dessas causas está vinculada às possibilidades de informação que os objetos carregam consigo, bastando analisá-los para que apareçam respostas sobre seus usos, seus materiais, suas relações sociais, sua história, entre outros.

A documentação constitui-se de um sistema composto de partes inter-relacionadas que formam um todo coerente, unitário, que relaciona as fontes de informação com os usuários. (VENTURA, 2015)

Da mesma forma, Cândido (2006) argumenta que as instituições museológicas devem criar métodos e mecanismos que permitam o levantamento e o acesso às informações das quais objetos/documentos são suportes. Assim, são criados os Sistemas de Documentação Museológica, motivados pela preocupação em preservar, investigar e comunicar.

Porém antes de criar os sistemas de documentação museológica, é importante conhecer os objetos museológicos que fazem parte da Instituição. Os museus têm uma função social ao representar diversos grupos, através de suas coleções, demonstrando a capacidade de conferir um significado aos objetos, colocando os objetos em sua qualidade de patrimônio com o objetivo de provocar transformações culturais e sociais. (SIQUEIRA, 2008).

Para compreender o processo que transforma um objeto de variados suportes, funções e usos específicos em um objeto museológico, é necessário reconhecer as etapas que o caracterizam

como documento de valor patrimonial e informacional e que, portanto, deve ser salvaguardado. (PADILHA, 2014)

Maroevic (1995), posiciona o objeto de museu e a coleção respectivamente como dois tipos de informação: a científica e a cultural, sendo o caráter da primeira consolidado através das disciplinas científicas como a história da arte, as ciências naturais, a arqueologia, entre outras, enquanto o caráter da segunda forma é estruturado para lidar com a Museologia em si.

Ao citar Tudman (1983 apud Maroevic, 1995, p.16) indica que três eixos são determinantes na Museologia: "Os eixos do tempo, espaço e sociedade determinam a museologia como uma atividade simbólica definida pela relação sequencial entre o sistema simbólico da musealidade e o sistema dos objetos simbólicos, isto é, objetos museológicos".

Um objeto pode ser um elemento de coleção ou parte de um conjunto sistemático mais amplo em vias de constituir um museu. O objeto de museu - que não significa meramente o objeto em museu - como objeto musealizado, passa a adquirir um estatuto museológico. No âmbito das práticas museológicas, a informação contida no objeto pode ser observada sob três categorias de análise: Documentação (suporte + informação), informação do objeto (suporte), aspecto semântico (informação) e informação contextual.

Para tanto, quando o objeto passa por uma identificação, ele transforma-se em acervo museológico. Para falar de acervo museológico é indispensável explicar o conceito de musealização e o processo em que os objetos são submetidos.

O processo de Musealização teria sido introduzido no campo da Museologia por Zbynek Stránský que como observa Baraçal (2008, p.72), "atribuiu grande atenção às questões terminológicas". Admitindo a musealização como estratégia de preservação (que deve ser compreendida em sentido amplo: preservação física e preservação das informações, o que pressupõe o acesso) e como processo (ou conjunto de processos) de caráter necessariamente seletivo (musealizar implica em selecionar), podemos dizer que:

[...] a musealização consiste em um conjunto de processos seletivos de caráter infocomunicacional baseados na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas às quais é atribuída a função de documento, e que por esse motivo tornam-se objeto de preservação e divulgação. Tais processos, que têm no museu seu caso

privilegiado, exprimem na prática a crença na possibilidade de constituição de uma síntese a partir da seleção, ordenação e classificação de elementos que, reunidos em um sistema coerente, representarão uma realidade necessariamente maior e mais complexa (LOUREIRO, 2011, p. 2-3).

A concepção de Waldisa Rússio sobre o processo de musealização depende do objeto a ser conhecido, segundo a autora,

O objeto “em si” exige uma identificação, uma classificação dentro de um sistema, uma interação dentro de uma espécie, gênero ou família; ele supõe uma conservação, o conhecimento da sua composição (química, física, etc.), as condições climáticas aptas a prolongar sua “existência”. Ele é testemunho do homem e depende de diferentes disciplinas científicas para ser corretamente identificado, estudado e comunicado (GUARNIERI, 2010, p.124).

Depois de sofrer esse processo de musealização o objeto (acervo), encontra-se dentro do contexto museal e a partir desse momento reconhecido como parte da coleção museológica, passará a possuir um valor documental, portanto necessitando ser documentado para posteriormente ser comunicado.

A documentação em museus envolve o desenvolvimento e a utilização de informações sobre os objetos que fazem parte do acervo e os procedimentos que auxiliam a sua administração. Essas informações deverão ser registradas por escrito ou inseridas no sistema informatizado de documentação do museu, devendo ser acessíveis aos funcionários, pesquisadores e aos públicos. (DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DE DOCUMENTAÇÃO EM MUSEUS, 2014, p.19).

As diretrizes que guiam a documentação museológica têm como objetivos, assegurar que haja políticas de acervo para que os cuidados com o acervo prestem contas em relação ao mesmo, proporcionando o acesso, utilização e conseqüentemente a pesquisa do acervo e o seu valor documental e patrimonial.

Seguindo as diretrizes (CIDOC-ICOM, 2014), a gestão documental ocorrerá por meio de três elementos: registro, preservação e acesso controlado.

A gestão do acervo museológico pressupõe, que os objetos e demais bens sob guarda da instituição, passem por processos não só de preservação e salvaguarda, mas também processos de registro de informação, tornando-os assim fontes de conhecimento, pois:

[...] é esse conjunto de informações sobre um objeto que estabelece seu lugar e importância dentro de uma cultura e que o torna um testemunho, sem o qual seu valor histórico, estético, econômico, científico, simbólico e outros é fortemente diminuído (FERREZ, 1994, p. 03).

Outro instrumento que colabora para um bom gerenciamento do acervo museológico é o inventário, que possibilita o controle e checagem dos objetos. O inventário é um “instrumento de segurança contra ocorrências que escapem ao seu controle, constituindo uma prova necessária que poderá ser requisitada pela justiça em qualquer caso que a envolva.” (SANTOS, 2015, p. 84)

A informação tratada através dos procedimentos da Documentação de Gestão Museológica está diretamente associada à musealização dos objetos.

A documentação Museológica tem como particularidade reconhecer os acervos museológicos, independentemente de sua natureza, como suportes de informação. Está focada na busca, reunião, organização, preservação e disponibilização de todas as informações, sobre quaisquer suportes, que digam respeito a esses mesmos acervos.

Para tanto, “a documentação inclui níveis de atividades diferentes e que respondem a questões primordiais tais como: a identificação do acervo museológico e quantificação do acervo sob tutela de instituições museológicas”. (MONTEIRO, 2010, p.30)

Na prática museológica existem procedimentos a serem seguidos para a criação de um sistema de documentação, tais como: a análise do acervo junto a uma comissão responsável, questões legais como origem, procedência, cartas de doação para arquivamento, recibos de compra etc.

A ficha de catalogação é um instrumento de pesquisa que condensa todas as informações referentes ao bem cultural ou objeto: informações intrínsecas e extrínsecas, registro fotográficos, referências bibliográficas que se relacionam com o bem cultural ou objeto, informações referentes à conservação e preservação do objeto, entre outras.

Com esses dados reunidos é necessário atribuir um número para o acervo identificando-o como Patrimônio, por sua vez o Museu definirá um número apropriado às suas ações museológicas.

As informações citadas possibilitarão a criação de um vocabulário controlado, estabelecendo um padrão para a gestão do acervo. Alguns vocabulários controlados estruturam relações semânticas determinando áreas e termos e oferece níveis hierárquicos de busca de informação padronizada com base no uso de descritores.

O vocabulário controlado é uma ferramenta de informação que contém palavras e frases padronizadas usadas para se referir a ideias, características físicas, pessoas, lugares, eventos, assuntos e muitos outros conceitos. “Vocabulários controlados permitem a categorização, a indexação e a recuperação das informações” (HARPRING, 2013, p.24). A terminologia para o acervo do NEA é um desafio, pois a cultura de base açoriana não possui um tesouro próprio, o que existe é um tesouro de folclore brasileiro onde encontramos alguns termos, porém não é o suficiente para apresentar a gama de termos necessários para construir um vocabulário controlado para assim organizar as informações do acervo.

Ademais, se uma Instituição criar seus próprios vocabulários controlados ou adaptar vocabulários existentes às necessidades locais ela deve consultar normas para facilitar a integração desses vocabulários locais em um ambiente compartilhado para busca e recuperação. As normas mencionadas são: ANSI/NISO Z39.19-2005, BS 8723-1:2005-2008, ISO 2788:1986, ISO 5964:1985, ISO 25964-1:2011, ISO/DIS 25964-2.

As normas supracitadas, não existiam como padrões internacionais para a documentação museológica; o que havia eram padrões locais que careciam da consistência necessária à informatização. A unicidade dos objetos, obras de arte e documentos de museus representava uma dificuldade a mais para a padronização e para a implantação de sistemas de catalogação cooperativos.

Temos alguns exemplos de projetos diferentes em seus padrões, porém bem sucedidos, tais como: o Spectrum, Sistema de Documentación da Catalunya e a Europeana. A relação desses padrões está nas informações controladas a partir do conhecimento dos acervos museológicos inseridos em cada sistema.

O Spectrum representa um entendimento comum de boas práticas para a gestão de coleções em museus. Incluindo procedimentos detalhados para a gestão dos processos pelos quais passa um objeto durante o seu ciclo de vida num museu. (SPECTRUM, 2014).

O sistema de documentación da Catalunya é como um manual de procedimentos adotado em toda a província, possibilitando um controle

dos acervos museológicos e contribuindo um intercâmbio de informações entre instituições da província.

A Europeana é um portal que disponibiliza coleções de galerias, bibliotecas, arquivos e museus europeus, que trabalham de forma cooperativa, dando acesso a suas coleções digitais. A Europeana possibilita atualmente o acesso a mais de 27 milhões de livros, filmes, obras de arte, objetos museológicos e documentos de arquivo de mais de 200 instituições provedoras de conteúdo, localizadas em 31 países. (WINER; ROCHA, 2013)

O CRM CIDOC, assim como o Records in Context, por meio do processo de descrição, insere as instituições arquivísticas e museológicas na pós-modernidade, abrangendo as complexidades sociais existentes, além de permitir a representação de diferentes contextos, tanto no ambiente físico quanto no ambiente digital. Ao mesmo tempo em que preserva as particularidades de cada instituição, o CRM (Conceptual Reference Model (Modelo de Referência Conceitual) possibilita a convergência dos ambientes heterogêneos a partir de sistemas complexos que têm como base construções semânticas computacionais. (SILVA; LANDIM; JORENTE, 2018)

Segundo Hapring (2013, p.14), os diferentes tipos de produtores de informação descritos acima desejam, muitas vezes, compartilhar dados entre si. Portanto, padrões de dados são essenciais para que os sistemas informacionais computadorizados possam compartilhar dados.

Mas para compartilhar dados é necessário um sistema de informação, que neste estudo chamaremos de sistemas informacionais computadorizados ⁶, para que haja uma maior especificidade de suas funções, porém apresentaremos o conceito de sistema de informação para um maior entendimento.

Para Laudon e Laudon (1999), um Sistema de Informação pode ser definido como um conjunto de componentes inter-relacionados trabalhando juntos para coletar, recuperar, armazenar e distribuir

⁶ Sistemas informacionais computadorizados, adotamos este conceito para esta pesquisa, pois sua definição se adequa a proposta do estudo. Portanto, para descrever um Sistema seja ele automatizado (que pode ser denominado como Sistema Informacional Computadorizado), seja manual, que abrange pessoas, máquina e/ou métodos organizados para coletar, processar, transmitir e disseminar dados que representam informação para o usuário e/ou cliente. (LAUDON, Kenneth C.; LAUDON, Jane Price. Gerenciamento de sistemas de informação. 3. ed. LTC: Rio de Janeiro, 2001).

informações com a finalidade de facilitar o planejamento, o controle, a coordenação, a análise e o processo decisório em organizações.

Para Castro (1999), se o museu não dispuser de uma organização definida e uma linguagem documental estruturada, não poderá desenvolver um sistema de informação que recupere, transfira ou dissemine essa informação, podendo ficar, à margem da sociedade e imobilizado no seu “tempo eterno”.

O sistema deve suportar uma catalogação eficaz e uma pesquisa alargada. Também deve permitir ao museu, armazenar cópias de segurança dos seus registros em locais externos. (ICOM, 2004).

Segundo (YASSUDA, 2009, p. 36), os métodos de documentação de museu, atualmente,

[...] continuam em processo de estruturação, adaptando-se às tecnologias vigentes no mundo globalizado. A tendência à interoperabilidade de informação é crescente e se mostra como um grande desafio para os museus da contemporaneidade.

Do ponto de vista da museologia, cabe ressaltar que o museólogo documentalista deve ter muita clareza sobre todos os procedimentos que configuram um sistema de ações museológicas para que a parceria com a tecnologia da informação resulte em um processo que contribua com a proposta da instituição. Muitos sistemas se apresentam como boas soluções, mas criam um vínculo de dependência, por exemplo, com fornecedores externos ao quadro do museu, o que pode colocar em risco a gestão do acervo. (MONTEIRO, 2010)

No caso do NEA, existe a necessidade de um sistema informacional computadorizado que supra a questão primordial, do custo-benefício, ou seja, será preciso pensar na adequação de propostas para a realidade museológica do Núcleo.

As novas concepções da museologia atual exigem dos atores envolvidos com a prática museológica a busca pelo estreitamento das relações entre a instituição e a comunidade, ou seja, a aproximação do sistema de informação com o usuário. (BARBOSA; PORTO; MARTINS, 2013)

O museu como um sistema de informação dissemina saberes e conhecimentos e por sua vez “deverá” possuir um sistema que minimize a diferença entre o conhecimento (expografia, comunicação museal, pesquisa) e o público de museu. Enfim, o processo de recuperação de informação consistirá em identificar, diante do sistema, quais elementos

atenderão à necessidade de informação do usuário. (MARTINS; BARACHO; BARBOSA, 2016). Portanto, as instituições museológicas, enquanto unidade de informação, devem proporcionar meios de transmissão mais eficientes que possibilitem a aproximação com o receptor.

A recuperação da informação (RI),” preocupa-se com os processos que envolvem a representação, armazenamento, busca e acesso a informações que são relevantes para a questão pretendida (desejada) pelo usuário humano”.(INGWERSEN,2018). A recuperação da informação é definida no dicionário de organização do conhecimento por Barité (2015, p.128) como,

Área del conocimiento que se ocupa de las cuestiones vinculadas con los procesos de acceso calificado a datos de cualquier tipo en un sistema de información. Comprende aspectos teóricos, prácticos y aplicativos, y tiene vínculos estrechos con la Informática y el desarrollo de sistemas inteligentes para la búsqueda y recuperación de información de cualquier tipo, en todos los formatos y para todas las finalidades. Su abreviatura en inglés es IR (Information Retrieval).Una de las operaciones fundamentales de un sistema de información documental. Refiere al conjunto de procedimientos encaminados a obtener datos, documentos e informaciones especialmente definidos y calificados de una base , para satisfacer las necesidades específicas de un usuario , en niveles satisfactorios de pertinencia y relevancia.

Área do conhecimento que se ocupa das questões vinculadas com os processos de acesso qualificado a dados de qualquer tipo em um sistema de informação. Compreende aspectos teóricos, práticos e aplicativos, e tem vínculos estreitos com a Informática e o desenvolvimento de sistemas inteligentes para a busca e recuperação da informação de qualquer tipo, em todos os formatos e para todas as finalidades. Sua abreviatura em inglês é IR(Information Retrieval).Uma das operações fundamentais de um sistema de informação documental.Se refere ao conjunto de procedimentos encaminhados para obter dados, documentos e informações especialmente definidos e qualificados de uma

base , para satisfazer as necessidades específicas de um usuário , em níveis satisfatórios de pertinência e relevância. (Tradução nossa)

A qualificação de um sistema informacional computadorizado se dá pelos recursos disponibilizados para recuperar a informação por meio de pertinência e relevância dos termos indexados no sistema.

As ferramentas para recuperação de informações da rede ou em plataformas específicas são entendidas como,

[...] mecanismos de busca, sistemas de busca, motores de busca, buscadores, search engine, são os termos utilizados para indicar um conjunto organizado de computadores, algoritmos, bases de dados e índices reunidos com a função de analisar e indexar as páginas da Web e apresentá-las de forma organizada aos usuários. (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2012, p. 64-65)

As máquinas automatizadas permitem que haja uma organização do conhecimento na *web* por meio da indexação que realizam (MONTEIRO, 2006). Para indexar são necessárias informações que serão transformadas em padrões de metadados, para isso devemos compreender o conceito de metadado. Diante da multiplicidade de conceitos e usos do termo metadados, adotamos como referência nesta pesquisa as concepções fundamentais de entendimento de metadados pelo autor Mário Barité, os autores supracitados foram escolhidos para apresentar os diferentes conceitos de metadados e como isso é trabalhado em pesquisas relacionadas à área da informação.

Para Barité (2015, p.104), em seu dicionário da organização do conhecimento, define o metadado da seguinte maneira,

Cada uno de los elementos de información que son utilizados para describir y gestionar datos significativos de un recurso de información en Internet. Todo metadato actúa además como un punto de acceso al documento disponible en la web. Los metadatos se organizan en estructuras descriptivas que siguen algunas orientaciones , como las propuestas por el estándar Dublin Core , que se asemejan a una forma de catalogación de documentos o recursos informativos de la red. La asignación de metadatos puede ser hecha automáticamente por un programa informático o por la acción humana; puede realizarse al momento de crear el recurso digital o luego de

encontrarse disponible. Es conveniente que los elementos de información presentes en los metadatos adopten formas normalizadas para asegurar una recuperación de información pertinente y relevante.

Cada um dos elementos de informação que são utilizados para descrever e gerir dados significativos de um recurso de informação da Internet. Todo metadado atua como um ponto de acesso ao documento disponível na Web. Os metadados se organizam em estruturas descritivas que seguem orientações, como as propostas pelo padrão Dublin Core que se assemelha a uma forma de catalogação de documento ou recursos informacionais da rede. A atribuição de metadados pode ser feita automaticamente por um programa informático ou pela ação humana; pode realizar-se no momento de criar o recurso digital ou depois de se encontrar disponível. É conveniente que os elementos de informação presentes nos metadados adotem formas normalizadas para assegurar uma recuperação de informação pertinente e relevante. (Tradução nossa)

Os metadados servem como parâmetro para identificar elementos de descrição, identificação, criando uma hierarquização da informação assim formando vínculos que localiza e recupera a informação para o usuário desse sistema informacional computadorizado.

Portanto, os metadados possuem diferentes definições que foram observadas na publicação "*Understanding Metadata*" da *NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION* (2004,p.9), define metadados como:

Informação estruturada que descreve, explica, localiza, ou ainda, possibilita que um recurso informacional seja fácil de recuperar, de usar ou gerenciar. O termo metadados, frequentemente, designa dados sobre dados ou informação sobre informação.

Os metadados são essenciais para o entendimento do recurso armazenado, pois descrevem informações semânticas e sintáticas sobre o recurso, podendo ser comparados a um sistema de rotulagem, com o

objetivo de mostrar como, quando e por quem o recurso foi armazenado e como está formatado. (LIMA; SANTOS; SEGUNDO, 2016)

Existem ontologias de como a ISO 21127: 2014, que estabelece as diretrizes para a troca de informações entre instituições de patrimônio cultural bem como alguns tipos de padrões de metadados que foram desenvolvidos para trabalhar especificamente com patrimônios culturais, como obras de arte, arquitetura e imagens desses objetos, a exemplo: *Categories for the Description of Works of Art (CDWA)* - e o *The Visual Resources Association (VRA) Core*. (LIMA; SANTOS; SEGUNDO, 2016). Esses padrões se propõem assegurar que informações importantes sejam registradas, auxiliam a recuperação automática de informação, promovem a consistência entre bancos de dados, bem como facilitam a migração de dados para sistemas novos.

O que acontece em território nacional é a utilização de metadados consolidados na Biblioteconomia e colocá-los em uso para outras instituições, porém para Arquivos e Museus deve-se cuidar para não esquecer das especificidades de seus objetos, ou simplificar em demasia os metadados deixando que informações importantes se percam. Isso verifica-se no estudo desenvolvido por IBRAM, IberMuseus, extinto Ministério da Cultura e mais entidades em 2010, que demonstraram em números os sistemas usados em Museus, onde o Access estava em uso por 18,2% Museus, e outros (diversos) com 38,9% (IBRAM, 2010), sendo que com esses números é possível quantificar e reafirmar o uso de metadados que não se enquadram com acervos museológicos, pelo fato de amenizar essa falta de padronização museológica utilizando metadados engessados.

A "[...] área museológica, por não ter padrões de descrição consolidados, têm apresentado soluções particulares de sistemas de gestão de acervos" (MARCONDES, 2013, p. 13). Pois o museu é uma das únicas instituições que têm os três acervos (bibliográfico, arquivístico e museológico) convivendo e disponíveis no mesmo espaço. (LIMA; SANTOS; SEGUNDO, 2016)

Como exemplo de padrões de metadados, temos o *Machine Readable Cataloging (MARC)* usado para recursos Catalográficos, o Metadado Brasileiro para Teses e Dissertações (MTD-BR), *Categories for the Description of Works of Art (CDWA)*, *Computer interchange of museum information (CIMI)*, *Dublin Core (DC)*, *The Visual Resources Association (VRA Core)*, dentre outros.

O *Dublin Core* é definido por Barité (2015, p.104) como um,

Conjunto estándar de elementos esenciales de información denominados metadatos, destinados a la descripción de recursos electrónicos. Este estándar comprende quince elementos Título; Creador(autor); tópico o palabra clave; descripción o resumen; editor o entidad responsable; otros contribuyentes; fecha; tipo de recurso; forma; identificador del recurso (URI, ISBN, etc.); fuente; idioma; relación (con otros recursos); cobertura y/o localización (tiempo y espacio); gestión de derechos. El estándar debe su nombre a la localidad de Dublin, Ohio, Estados Unidos, donde en marzo de 1995 se realizó el seminario que dio lugar a su creación. Se lo conoce también por la sigla DC.

Conjunto de padrões de elementos essenciais de informação denominados metadatos, destinados a descrição de recursos eletrônicos. Este padrão compreende quinze elementos: Título; criador(autor); tópico ou palavra-chave; descrição ou resumo; editor ou entidade responsável; outros contribuintes. data; tipo de recurso; forma; identificador do recurso (URI,ISBN,etc); fonte; idioma; relação(com outros recursos); cobertura ou localização (tempo e espaço); gestão de direitos. O padrão deve seu nome a localidade de Dublin, Ohio, Estados Unidos, onde em março de 1995 se realizou o seminário que deu origem a sua criação. Também o conhecemos pela sigla DC.(Tradução nossa)

Esses padrões de metadatos como o *CDWA* não abrangem todos os campos a solução é a interoperabilidade, que segundo Barité (2015, p.89) é conceituada como,

Capacidades intrínsecas de dos o más sistemas de organización del conocimiento o sistemas de información, para compartir, intercambiar y buscar datos o información. La norma ANSI/NISO 2010 (Guidelines for the construction, format and management of monolingual controlled vocabularies) identifica siete factores que afectan la interoperabilidad: a) la similaridad entre contenidos temáticos en los diferentes dominios; b) los vocabularios

controlados diferentes usados para indizar contenido de dominios similares; c) la especificidad gradual o granularidad de los vocabularios controlados usados para indizar diferentes contenidos de dominios o bases de datos ; d) las diferencias en el tratamiento de sinónimos y cuasi sinónimos ; e) las metodologías de búsqueda requeridas por las base de datos utilizadas; f) las garantías literaria, de usuario y organizacional usadas en el desarrollo del vocabulario; g) los propósitos pretendidos por los responsables de bases de datos y sistemas.

Capacidades intrínsecas de dois ou mais sistemas de organização do conhecimento ou sistemas de informação, para compartilhar, intercambiar e buscar dados ou informação. A norma ANSI/NISO 2010 (Guidelines for the construction, format and management of monolingual controlled vocabularies) identifica sete fatores que afetam a interoperabilidade:a) a similaridade entre os conteúdos temáticos nos diferentes domínios; b) os vocabulários controlados diferentes usados para indexar conteúdos de domínios similares. c) a especificidade gradual ou a granularidade dos vocabulários controlados usados para indexar diferentes conteúdos de domínios ou base de dados; e) as metodologias de busca requeridas pela base de dados utilizadas; f) as garantias literárias, de usuário e organizacional usadas no desenvolvimento do vocabulário; g) os propósitos pretendidos pelos responsáveis das bases de dados e dos sistemas. (Tradução nossa)

A norma mencionada por Barité, colabora para que os responsáveis por desenvolver vocabulários controlados atentem para a premissa de que a interoperabilidade se comunica de forma transparente, com outro sistema e isso só acontece por meio de metadados abertos ou com ontologias⁷ definidas com

⁷ Na proposta da Web Semântica as ontologias são utilizadas como alternativa para agregar semântica aos recursos da web (BERNERS-LEE,HENDLER e LASSILA, 2001,p.15).

base na semântica⁸ das informações que são inseridas nos sistemas informacionais computadorizados.

Para isso, podemos dizer que os padrões identificados no *software* livre AtoM são (ISAD, ISDF, ISAF, e ISDIAH) ou esquemas padronizados e linguagens de marcação em “xml” específicos para acervos digitais (tais como Dublin Core e EAD). Que permitem a adoção de tabelas de metadados baseadas em normas internacionais de descrição arquivística.

No *software* livre Tainacan a criação de uma coleção do zero também é possível herdar metadados conhecidos com padrões reconhecidos, como, por exemplo, o *Dublin Core*, aumentando as possibilidades de interoperabilidade. Neste *software* é possível criar a ficha de cada conexão com qualquer campo de metadados pretendidos, ou seja, personalizá-los segundo a tipologia do acervo.

Com isso exposto, partiremos para o capítulo III para discutir os *softwares* livre AtoM e Tainacan , histórico e suas **características, subcaracterísticas** e os seus metadados.

⁸ O termo Web Semântica (WS) surgiu em 2001, com a proposta de Berners-Lee, Hendler, Lassila (2001,p.18), os primeiros a anunciar o mundo da WS e que a definiram como uma extensão da web atual, em que a informação estaria dotada de um significado bem definido que permitiria uma cooperação entre humanos e máquinas.

Capítulo III: Apresentação dos *softwares* AtoM e Tainacan: Uma análise para discutir as características subcaracterísticas de qualidade dos *softwares*.

No capítulo III abordaremos a história, as funções e os metadados dos sistemas informacionais computadorizados AtoM e Tainacan, esses possibilitam a recuperação da informação inserida, disseminam e conseqüentemente comunicam aos diferentes públicos o acervo de Instituições, colaborando com a preservação da memória Institucional. Com os dois sistemas selecionados e o modelo de qualidade de *software* da ISO/IEC 9126-1(2003), analisamos as seguintes **características** de qualidade: funcionalidade, usabilidade, eficiência, confiabilidade,manutenibilidade e portabilidade e as **subcaracterísticas** que a ISO apresenta. Por fim de refletirmos acerca de qual sistema se adequa à tipologia de acervo do NEA, possibilitando uma sugestão para posterior implantação do *software* no Núcleo.

4.1 AtoM (*Access to Memory*)

O AtoM é um sistema de representação da informação documental via descrição arquivística, criado para promover um ambiente de acesso com base em normas arquivísticas internacionais. O nome AtoM descende de ICA-AtoM – acrônimos de *International Council on Archives* e *Access to Memory* – como era chamado em suas versões anteriores.

O *software* AtoM é resultante de um projeto de mesmo nome. O projeto ICA-AtoM (*International Council Archives – Access to Memory*) teve seu início através de um relatório em 2003, da Comissão de Tecnologia da Informação do ICA, que estabelecia requisitos funcionais para um "*Open Source Archival Resource Information System*" (OAIS).

O Modelo de Referência OAIS (traduzido na ABNT NBR 15.472:2007⁹ como SAAI – Sistema Aberto de Arquivamento de Informação),

fornece uma estrutura sistemática para o entendimento e implementação de conceitos arquivísticos necessários ao acesso e à preservação de informação digital por longo prazo e para a descrição e comparação de arquiteturas e operações de arquivos existentes e futuros. Descreve funções, processos e métodos para preservação por longo prazo. Desenvolvido pelo Consultative Committee for Space Data Systems (CCSDS), o OAIS foi publicado pela primeira vez em 1999 e desde o início dos anos 2000 tem influenciado muitos desenvolvimentos de preservação digital.

Desenvolvidos pela empresa canadense *Artefactual System*, com o apoio de instituições como a UNESCO, o Banco Mundial e o ICA (Conselho Internacional de Arquivos), os *Softwares* Livres Archivematica e AtoM vêm sendo adotados por instituições arquivísticas e museológicas de diversos países, dando origem inclusive a um terceiro sistema, chamado *Binder*, em desenvolvimento a partir de parceria com o *Museum of Modern Art* (MoMA) de Nova Iorque para a preservação e difusão de seu acervo de arte em formato digital (SILVEIRA, 2018).

Em 2005, o programa “Informação para todos” da UNESCO, concedeu 45.000 Euros ao ICA para auxiliar na tarefa de criação de um guia on-line para gerenciar informações relacionadas a violações de direitos humanos. O *software* resultante deste projeto teve sua primeira versão lançada em 2007, chamado de ICA-AtoM v.0.1. No ano de 2019, foi lançada versão 2.6.0, ainda não disponível para download. (FLORES; HEDLUND, 2014)

⁹ A norma ABNT 15.472:2007 é baseada (praticamente uma versão integral para o português) na norma ISO 14.721:2003, encontrando-se, portanto, atualmente, com uma defasagem de quase 15 anos com relação à ISO, já que em 9 de janeiro de 2018 esta foi revisada e validada. Disponível em: <https://www.legatum.ufba.br/>

Para a criação do AtoM, o grupo Artefactual (que desenvolveu o Access to memory para o Conselho Internacional de Arquivos) criou o *Qubit*, que é um conjunto de ferramentas de gerenciamento de informações genéricas que pode ser usado para diversas aplicações na Web. O AtoM foi desenvolvido sob essa ferramenta. Quanto ao *Qubit*, visa o uso em arquivos e bibliotecas, mas por ser um software livre, pode ser modificado para outros usos (SILVA, 2017).

O AtoM é um sistema convergente, desenvolvido para ambiente Web. Para a sua construção, foram utilizadas várias linguagens e ferramentas de código aberto e *software* livre, o que lhe permite ser disponibilizado com a licença e ideologia A-GPL - *General Public License* (Licença Pública Geral). Isto implica que, além de possuir o código aberto e ser editável gratuitamente, o sistema deve ser livre para ser utilizado para qualquer finalidade: estudado, aperfeiçoado, modificado e redistribuído (modificado ou não).(SILVA,2017)

Existe uma carência de softwares gratuitos capazes de dar conta das necessidades dos setores de documentação dos museus, e considerando as semelhanças dos setores de documentação dos museus com a arquivologia, pois muitos dos princípios são comuns, encorajando a busca de soluções de forma aberta e cooperativa entre os órgãos representativos de cada uma dessas instituições, a *International Federation of Library Associations* (IFLA), o *International Council of Museums* (ICOM) e o *International Council of Archives* (ICA) a fim de que possam realizar melhores contatos, cujos benefícios seriam compartilhados. Por esse motivo levantamos a hipótese de que o AtoM (*Access to Memory*), sistema voltado à descrição de documentos arquivísticos, possa ser utilizado para a descrição de objetos museais, inclusive os tridimensionais. Pois, o AtoM foi criado com base em normas arquivísticas, “em uma sociedade complexa as normas pré estabelecidas são guias/norteadores de ação, pois para uma seleção ou uma escolha é preciso o estabelecimento de um parâmetro”.(SILVA,2017). Só é possível comparar elementos quando existe um parâmetro de comparação.

Marcondes (2005, p.28), “baseando-se na experiência biblioteconômica estabelece três níveis de descrição que devem ser padronizados: padrão para a estrutura de dados, padrões para

o conteúdo de dados, e padrões para o valor dos dados”, (nesse momento ainda não se tratavam o padrão para sistemas informacionais computadorizados de dados).O intuito final é permitir que usuários possam encontrar informações sobre os tópicos de interesse, ou seja, para que haja uma recuperação da informação.

Portanto o AtoM possui cinco normas arquivísticas que o respaldam que são: ISAD(G)- Norma Internacional para a Descrição Arquivística; ISAAR (CPF) -Norma Internacional para os Registos de Autoridade relativos a Instituições, Pessoas Singulares e Famílias; ISDIAH- Norma Internacional para a descrição de Instituições com acervo Arquivístico; e ISDF- Norma Internacional para a Descrição de Funções.

Para Jorente, et al. (2015) “o AtoM é um importante aliado ao Marco Civil da Internet na busca da garantia de uma internet livre e irrestrita, pois o sistema apresenta características de software livre e promove o acesso e a interoperabilidade”. Essas características auxiliam não só acesso à informação, mas o empoderamento dos indivíduos que buscam informação, pois as representações dos documentos disponíveis no ambiente Web com uso do software AtoM são estruturadas organizadas e contextuais.

Atualmente, o projeto AtoM está sob a gerência do grupo Access to Memory. No entanto, as versões produzidas em parceria entre o ICA e o grupo Access to Memory (AtoM) continuam disponíveis na Web e podem ser utilizadas normalmente, uma vez que o sistema não mudou estruturalmente.

É interessante ressaltar que, uma das Instituições que adotaram o AtoM ,foi o Arquivo Público de São Paulo(2019, on line), em seu site a instituição apresenta o *software* da seguinte maneira:

Através do ICA-AtoM, o pesquisador tem uma visão geral do fundo, do seu conteúdo, da sua forma de arranjo e do contexto em que a sua documentação foi gerada, podendo pesquisar, imprimir relatórios, realizar buscas e cruzar informações, descontraidamente em casa ou no ambiente que preferir, e no horário que escolher. Com esse software, o Arquivo do Estado oferece mais um serviço aos seus consulentes, colocando-se

ao lado de 250 instituições nacionais e internacionais que aderiram a esta plataforma inovadora.

O ICA-AToM utiliza a base de dados MySQL para armazenamento de dados e pesquisa. O MySQL é um Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados (SGBD), que utiliza a linguagem SQL (Linguagem de Consulta Estruturada, do inglês Structured Query Language) como interface. É um banco de dados universalmente conhecido pelos profissionais da Tecnologia da Informação - TI, o que resulta numa maior facilidade de instalação e uso do software, já que em muitos casos a falta de capacitação técnica pode ser um fator impeditivo para a usabilidade de um software. (XAVIER, 2014)

O fato de ter código fonte aberto traz como benefícios: menos pagamentos de royalties, diminuição de custos com licenciamento de *software* e não dependência a sistemas proprietários, foco na transparência e sustentabilidade no que tange aos aspectos de gerenciamento de projeto e economia de recursos públicos, permitindo a colaboração da comunidade no seu desenvolvimento e na sua melhoria. Existem diversas pesquisas desenvolvidas para estudar este software que obteve incentivo em divulgação, sendo um item fundamental no aparato tecnológico e estratégico dos núcleos de tecnologia da informação. Na figura 8 apresentamos a página inicial do *software* AtoM.

Figura 8: Página inicial do AtoM.



Fonte: Guia de usuário AtoM, 2017.

O Guia de usuário Atom lançado pelo IBICT em 2017, capacita o usuário a compreender o software de maneira dinâmica, demonstrando em prints e explicações objetivas a melhor forma de utilizá-lo na sua aplicabilidade.

De acordo com (ABREU; CASTRO; SHINTAKU; SEGUNDO, 2017, p.11),

O manual se baseia na documentação oficial do AtoM, versão 2.21 abrangendo não apenas a operacionalização da ferramenta, mas contando com informações voltadas à equipe de tecnologia. Com isso, procura atender a todos os envolvidos na instalação, manutenção, aperfeiçoamento, administração e operação, na medida em que a relação entre a equipe de informática e o arquivo requer estar afinada para o uso eficaz da ferramenta.

Mesmo o AtoM sendo um sistema informacional computadorizado com base em descrição arquivística é possível customizar e otimizar os campos de descrições para objetos museológicos. Porém é importante conhecer a tipologia do acervo que no caso deste estudo é do Núcleo de Estudos Açorianos, com objetos que possuem as mais diversificadas tipologias.

Nessa realidade do NEA, a possibilidade de usar o *software*, efetuou-se o download do ICA-AtoM (AtoM), onde foi preciso configurar essa ferramenta conforme a necessidade da instituição. Desta forma, “é possível incluir e editar tanto a página inicial quanto seu conteúdo, com acesso por meio de login e senha do usuário”.(CÉ;FLORES,2016,p.8) O perfil do usuário pode ser de administrador, editor, colaborador, tradutor ou pesquisador. Exceto o pesquisador, todos os outros perfis necessitam de usuário e senha.

A fim de explicitar os metadados básicos do *software*, seguem imagens, das abas com os campos descritivos do AtoM, apontamos cada uma e explicamos suas funções.

Na figura 9, são apresentadas os registros de funções inseridas no AtoM. As descrições seguem o prescrito pela Norma Internacional para descrições de funções arquivísticas- ISDF. (Manual AtoM,2017,p.11)

Figura 9: Tela de busca simples do *software* AtoM.



Fonte: Guia AtoM, 2017.

Dentro desta tela encontram-se os metadados de busca simples do sistema AtoM, uma facilidade na “busca simples”,pode-se escrever um termo e o sistema apresenta as opções indexadas destacando o termo encontrado como mostra a figura 9. Essa função facilita a busca dando opções ao usuário de selecionar as informações desejadas, é importante verificar que a linguagem do sistema está com metadados voltados para a arquivística mesmo podendo registrar acervo museológico.

Figura 10: Print da tela de navegação para registro de acervo.

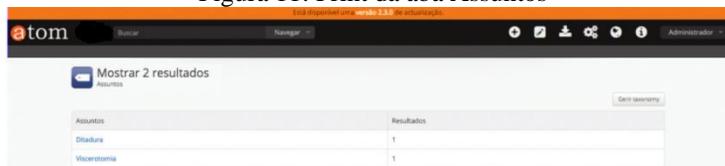


Fonte: Guia AtoM,2017.

Os metadados (figura 10), como a “descrição arquivística”, “registro de autoridade”, “Instituição arquivística”, “funções”, “assuntos”, “locais” e “objeto digital” possuem ações específicas para registrar as informações no *software*. A descrição arquivística é para descrever os níveis dos documentos (pensando de forma museológica substituiremos a palavra documento por acervo). No registro de autoridade descreve-se registros de entidades simples e coletivas, tais como: pessoas, famílias, instituições que possuem ou transferem documentos (no caso da museologia esse registro se insere o autor da obra).Instituições arquivísticas é o metadado para descrever as instituições que detém os documentos ou o acervo.

Os assuntos são os termos de um vocabulário controlado, agrupados em uma taxonomia e usados como pontos de acesso para a descrição arquivística no *software* Atom. Assim, o AtoM apresenta a lista de termos que foram utilizados para fazer a descrição do acervo, como mostra a figura 11.

Figura 11: Print da aba Assuntos



Assuntos	Resultados
Ditadura	1
Vicepresidência	1

Fonte: Guia AtoM,2017.

No metadado (figura 12), intitulado “Local”, diz respeito à localização geográfica registrada na taxonomia e utilizada como ponto de acesso nas descrições, registros de autoridade e Instituições arquivísticas. A partir do local pode-se recuperar informações relacionadas a um local pelo uso de vocabulário controlado, desde que o catalogador insira essas informações antecipadamente. A figura 12, indica a aba em que se localiza o metadado de local.

Figura 12: Print da aba Local.



Locais	Resultados

Fonte: Guia AtoM,2017.

O metadado “Objeto Digital” (figura 12) incluído na aba de Local, é considerado apenas em arquivos, segundo o glossário da Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos (CONARQ,2008), “o objeto digital consiste em um arquivo de conteúdo, que possui identificador único e metadados associados”. O objeto digital é composto de objeto físico – objeto digital enquanto fenômeno físico, que registra as codificações lógicas dos bits nos suportes. Por exemplo, no suporte magnético, o objeto físico é a sequência do estado de polaridades (negativa e positiva); nos suportes ópticos, é a sequência de estados de translucidez (transparência e opacidade); objeto lógico –

objeto digital enquanto conjunto de sequências de bits, que constitui a base dos objetos conceituais; e objeto conceitual – é um objeto digital que se apresenta de maneira compreensível para o usuário, por exemplo, o documento visualizado na tela do computador.(ABREU; CASTRO; SHINTAKU; SEGUNDO,2017)

Com estes metadados a interconexão do ICA-AtoM ao Archivematica torna-se fundamental para manter a autenticidade e hierarquia dos registros, pois é um sistema principalmente de preservação digital, hiperconectividade e recuperação da informação entre as Instituições que usam o *software*.

A estrutura de metadados analisada seguiu a Resolução Normativa nº 2 do IBRAM, de 29 de agosto de 2014 (IBRAM, 2014), verificando os campos específicos das informações sobre a catalogação do acervo museológico (Figura 10) que são: número de registro, outros números, situação, denominação, título, autor, classificação, resumo descritivo, dimensões, material/técnica, estado de conservação, etc.

Por todo o histórico e características descritas, nos propusemos a analisar este software por meio ISO/IEC 9126-1. No próximo tópico descreveremos o *software* Tainacan, seu histórico e funcionalidades para depois compararmos os softwares e assim sugerir ao NEA, o software que se adequa ao acervo museológico do núcleo.

4.2 TAINACAN

O Ministério da Cultura, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e a Universidade Federal de Goiás desenvolveram a plataforma Tainacan, que visa a gestão de acervos digitais da Cultura, com a novidade de abranger diferentes tipos de acervos e a categorização e indexação de dados. O repositório digital citado é um *software* livre e se apresenta como possibilidade para uma organização da informação, não apenas pela sua característica de poder reunir múltiplas instituições museais brasileiras,mas também pela diversidade de acervo que pode reunir em um mesmo portal.

De acordo com os idealizadores do *software* Tainacan, Maia (2018, p.1),

A partir do impulso inicial, começamos a trabalhar no desenvolvimento de um modelo operacional capaz de contemplar o desafio da integração, focando especialmente nas questões de interoperabilidade, e no desenvolvimento de tecnologias essenciais para garantir o acesso a estas coleções no longo prazo. Outro aspecto fundamental a ser considerado, é o fato das instituições de memória no Brasil apresentarem um quadro bastante heterogêneo em termos de infraestrutura e pessoal de apoio. Em geral, as instituições e projetos do mundo da cultura não se encontram preparados para enfrentarem, por si, os desafios inerentes à digitalização, à disponibilização e à preservação de seus acervos culturais em meio digital. Este cenário impõe que as soluções técnicas de integração propostas para uma política nacional devem primar pela simplicidade em todas as suas dimensões de operação: uso, manutenção, desenvolvimento, instalação, suporte, e integração com as diversas instâncias de circulação de conteúdo.

Originalmente, a plataforma Tainacan surgiu no bojo das políticas do Ministério da Cultura do Brasil como desdobramento do portal da Cultura Digital. No ano de 2014, foi lançado pelo laboratório MediaLab da Universidade Federal de Goiás em parceria com o MINC e, no ano seguinte, serviu em projetos pilotos do ministério. “Em 2016, o repositório digital foi incorporado na construção de acervos em rede do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)” (MAIA, 2018).

Desta forma, as principais características do software estariam em envolver serviços e plataformas web, ambientes de compartilhamento em mídias sociais e que primasse pela simplicidade de uso, manutenção, desenvolvimento, instalação e suporte. Ainda que em constante evolução, “o Tainacan vem sendo implantado em diversas instituições culturais, das quais cita-se o Museu Villa Lobos e o Museu da República, e outras, com parte de seus acervos publicados na Internet, como é o caso do Museu do Índio e o Museu Histórico Nacional” (CARMO; MARTINS; SIQUEIRA,2019).

A figura 13 apresenta a tela inicial do Tainacan para o acervo digital do Museu Afro, o Tainacan possui o plugin principal através da interface visual do Wordpress. A partir deste plugin uma nova aba surgirá no painel de controle da plataforma para gerenciar os componentes do Tainacan.

Figura 13: Tela inicial Museu Afro (*software* Tainacan)



Fonte Museu Afro: <http://afro.culturadigital.br/>, 2019.

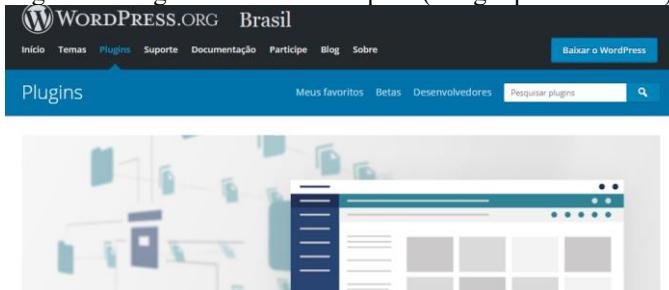
O Tainacan utiliza o conceito de coleções para categorizar grupos. Cada uma delas possui uma lista de metadados específicos, definidos pelo criador da coleção, conforme as características da categoria. Quando um usuário deseja cadastrar algum material na plataforma, após selecionar uma coleção, ele deve preencher os metadados com as informações principais do item cadastrado. Assim, “além de garantir a inserção de detalhes importantes sobre o trabalho, o uso de metadados faz com que a busca na plataforma obtenha melhores

resultados, e ainda assegura um padrão de exibição para os trabalhos” (GOMES, 2018, p.11).

A vantagem do software Tainacan, é de ter sido elaborado para coleções museológicas buscando a interoperabilidade como principal item para o desenvolvimento da ferramenta, o Tainacan permite que os usuários cadastrem-se no repositório e, assim, possam inserir trabalhos, adicionar comentários e criar suas próprias coleções.

O Tainacan possui um Guia/Manual de usuário publicado como o AtoM porém na página da Wordpress.org (figura 14), existe uma aba sobre plugins e que ajuda o usuário a se localizar no *software* e conseguir acessar os diferentes temas da plataforma. A figura 14 apresenta a página inicial do *wordpress* onde o usuário tem as primeiras informações.

Figura 14: Página inicial do wordpress(Plugin para Tainacan)



Fonte: Wordpress:<<https://br.wordpress.org/plugins/tainacan/>>,2019.

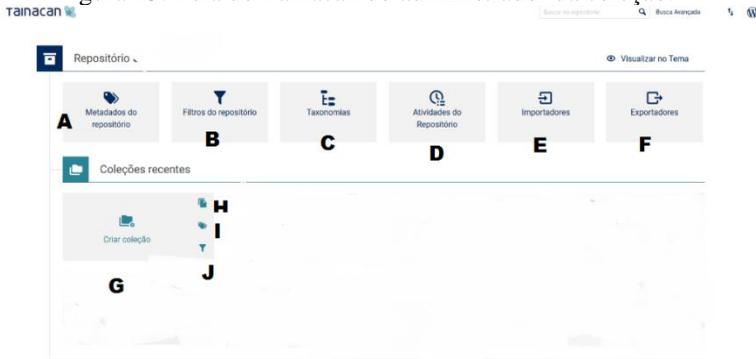
Além disso, no site da plataforma existe um vídeo de apresentação para que o usuário compreenda para que serve o repositório e o que pode ser colocado nos metadados e nas taxonomias, na verdade o *software* é intuitivo o que contribui para seu uso facilitado para usuários que possuem um pouco de dificuldade com esse tipo de ferramenta.

Uma das principais motivações para que o Tainacan tenha essa customização foi a realização da pesquisa comparativa entre os principais softwares livres existentes para as bibliotecas digitais (*DSpace, Greenstone, Fedora, Islandora e Eprints*). Os critérios estabelecidos por Martins e Silva (2017),” demonstraram que de um total de 36 funcionalidades possíveis para colaboração e interação social, apenas 5 (14%) estavam implementadas nesses sistemas”. Assim,“o Tainacan, portanto, se propõe como alternativa a essas tecnologias livres, visando ofertar uma tecnologia mais acessível e fácil

adoção social para a construção de repositórios brasileiros na área da cultura”.(MARTINS, SILVA; SEGUNDO;SIQUEIRA,2017,p.6)

A seguir apresentamos os principais metadados do Tainacan, ressaltando que é possível que o administrador/ usuário tem a possibilidade de modificar os campos conforme o acervo da Instituição.

Figura 15: Tela do Tainacan do administrador da coleção.



Fonte:Screenshot de autoria própria,2019.

Conforme a figura 15 o item “(A)”, apresenta a opção “Metadados do repositório”, pelos quais é possível criar coleções, definir categorias e alterar o perfil do usuário. No item “(B)”, está disposto os “filtros do repositório”, que possibilita a interação do usuário com o *software* decidindo quais os termos serão utilizados. O item “(C)” apresenta a “Taxonomia”, no qual destaca-se a possibilidade de criar metadados específicos para cada acervo museológico, bibliográfico ou arquivístico.No item “(D)”, “Atividades do repositório” o campo permite que o administrador saiba as atividades dos usuários e os itens(acervo) inseridos. O item “(E)” se refere a “Importadores”, ou seja, são as informações transferidas para o Tainacan. O item “(F)” “Exportadores”permite que o usuário exporte as informações inseridas no Tainacan. O item “(G)” apresenta “ Criar Coleções” em que o usuário cria suas coleções conforme sua necessidade. O item “(H)”, mostra o ícone de “metadados” junto ao de “criar coleções” para que o usuário tenha uma segunda opção de escolha assim como no item “(I)” “Taxonomia” e “(J)” que apresenta novamente o “filtro”.E por último, na parte superior existe a busca avançada para que o usuário encontre por meio de termos específicos ou palavra-chave a informação desejada.

Na figura 16, apresentam-se os metadados com campos para que o administrador da coleção insira as informações do acervo museológico.

Figura 16: Primeiras configurações do Tainacan para administrador.

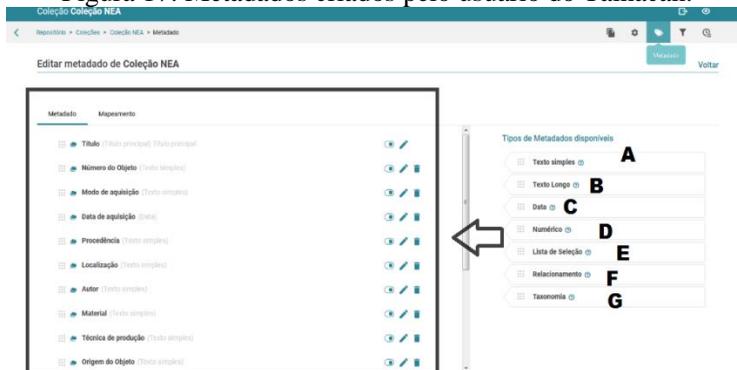


Fonte: Martins,2017,p.4.

Estas primeiras configurações permitem que o administrador possa customizar o Layout do *software* para a adequação da tipologia da Instituição, dentre esses itens: imagem de capa, criar uma *home page* para a coleção, definir a privacidade, o controle de downloads, moderação e permissões para criação, edição e exclusão de itens.

A proposta do Tainacan é permitir que o administrador/usuário tenha a flexibilidade de incluir metadados conforme a necessidade da Instituição, como mostra a figura 17, a adição desses metadados oferece os seguintes itens: texto, texto longo, data, numérico, auto incremento, relacionamento, categoria e votações.

Figura 17: Metadados criados pelo usuário do Tainacan.



Fonte: Screenshot Mônica Rocha,2019.

Na aba “Editar Metadados”tem a possibilidade de criar alterações globais e locais nos itens de metadados, como demonstra a figura 17. No item “(A)”, no metadado “Texto Simples” é possível transferi-lo como um texto simples e customizá-lo conforme a necessidade do usuário, no exemplo acima colocamos localização e material como texto simples.No item “(B)”, o metadado “ Texto Longo” sendo pressionado para ser transferido para a aba maior da figura 17, conforme a necessidade do usuário, ou seja, nesse caso utilizamos como “texto longo” os metadados de procedência e modo de aquisição. O item “(C)” é o metadado “ Data”, este item possui uma particularidade, é necessário que o usuário selecione a configuração numérica para que o Tainacan entenda que é uma data separada pelo símbolo //, para que depois de editada a data apareça da seguinte forma: Novembro,10,2019. No item “(D)” o metadado é “Numérico” o usuário tem a possibilidade de colocar metadados específicos com números, no exemplo da figura 17 colocamos data de aquisição e número do objeto. No item “(E)”, o metadado “ Lista de Seleção” é interessante pois oportuniza que o usuário faça um metadado como uma lista para escolher a melhor opção, podemos citar como exemplo o campo de estado de conservação que possui diferentes definições tais como: ótimo, bom, regular e ruim. No item “(F)”, o metadado é “ Relacionamento” que permite ao usuário fazer relações entre as taxonomias, no exemplo supracitado optamos por usar esse metadado em autor, título e técnica de produção, lembrando que foi utilizado como base a ficha de catalogação desenvolvida para o NEA(ANEXO A). E por último, o item “(G)” que é o metadado

denominado “Taxonomia” onde o usuário pode criar um novo termo para a taxonomia.

Figura 18: Tela para escolha dos metadados básicos (Tainacan).

The screenshot shows the Tainacan metadata selection interface, divided into two panels labeled A and B.

Panel A (Left): Contains fields for basic metadata:

- Título do repositório:** Tainacan
- Marca do Repositório:** Escolher arquivo | Nenhum arquivo selecionado
- Imagem de Cabeçalho:** Escolher arquivo | Nenhum arquivo selecionado
- Descrição do repositório:** Includes a rich text editor with a toolbar (bold, italic, underline, link, unlink, list, link, unlink, undo, redo) and the text "Só mais um site Tainacan - Rede Media Lab".

Panel B (Right): Contains options for repository operation and collection models:

- Operação do repositório:** Radio buttons for:
 - Repositório
 - tainacan-library
 - contest
 - tainacan-ontology
 - archival-management
- Coleções modelos:**
 - Input field: Digite o nome da coleção
 - Section: **Habilitar coleção modelo**
 - Modelos
 - Meus Templates
 - Ruy Lopes
 - Museu
 - Modelos do Tainacan
 - Coleção padrão
 - Cache do tainacan:**
 - Desativar cache do Tainacan
 - Permissões:** Escolha as permissões para cada uma das ações abaixo
 - Operações:**
 - Crear Coleção: [dropdown menu]
 - Excluir Coleção: [dropdown menu]

Fonte: Martins,2017,p.6.

Portanto, da mesma forma que o ICA-ATOM foi desenvolvido com a premissa de ter a possibilidade de um *software* livre para descrições arquivísticas e tendo como modificar seus campos, o Tainacan também é um *software* livre voltado para acervos culturais onde os metadados (figura 18/A), são divididos em coleções. Seguindo a Resolução Normativa nº 2 do IBRAM, de 29 de agosto de 2014 (IBRAM, 2014), verificando os campos específicos das informações sobre a catalogação do acervo museológico (figura 18/B) que são: número de registro, outros números, situação, denominação, título, autor, classificação, resumo descritivo, dimensões, material/técnica, estado de conservação, etc. Estes campos de metadados específicos se encontram na ficha de catalogação criada para o acervo museológico do NEA, a partir dessas premissas e com o modelo de qualidade de software analisaremos os dois softwares e compararemos suas **características** e **subcaracterísticas** para obter informações que contribuam para uma sugestão de software para o NEA.

4.3 Avaliação dos Softwares AtoM e Tainacan.

A norma ISO/IEC9126 ¹⁰, foca na **qualidade do produto de software**, propondo três **níveis** de Qualidade, “distribuídos em seis **características** principais: Funcionalidade, confiabilidade, usabilidade, eficiência, manutenibilidade e portabilidade. E com cada uma delas divididas em **subcaracterísticas** que são avaliadas por um conjunto de métricas” (RUGGIERE, 2016, p.10).

A **característica Funcionalidade** analisa a capacidade do *software* de atender as funções e as necessidades explícitas e implícitas, quando ele estiver sendo utilizado sob condições especificadas. Dentro da **funcionalidade** há quatro **subcaracterísticas** a serem verificadas: a adequação acurácia, a interoperabilidade e a segurança de acesso.

A **adequação** verifica um conjunto apropriado de funções para tarefas e objetivos especificados pelo usuário. Na **acurácia** é observada a capacidade do software executar e gerar resultados corretos conforme estabelecido com usuário. A **Interoperabilidade** verifica se o *software* possui interação entre outros *softwares*. Já na **segurança de acesso** o foco é a conferir se o software consegue manter a proteção dos dados, garantindo que pessoas ou outros sistemas não autorizados não consigam acessar e ler os dados sem autorização. Portanto a **conformidade** relacionada à funcionalidade garante que o software estará de acordo com normas, previstas em leis e prescrições relacionadas à funcionalidade.

A **característica confiabilidade** verifica se limitações decorrentes de defeitos na especificação de requisitos, projeto e implementação (que no caso desta pesquisa não haverá implementação apenas uma sugestão ou indicação de sistema).Na **subcaracterística maturidade** o *software* evita 72 falhas decorrentes. A **subcaracterística tolerância a falhas** preocupa-se em manter um nível de desempenho evitando falhas do software. Na recuperabilidade a preocupação visa recuperar os dados diretamente afetados no caso de uma falha.

A **característica usabilidade** é importante, pois analisa se o *software* pode ser compreendido, aprendido, operado e é atraente para o usuário do sistema. Na **característica manutenibilidade** o que se observa no software é se ele pode ser modificado, pois com a **subcaracterística de analisabilidade** é possível diagnosticar as

¹⁰ A norma brasileira NBR ISO/IEC 9126-1, foi substituída pela ISO/IEC 25010.

deficiências, causas e falhas, para que o *software* permita modificações ou novas funcionalidades.

A **característica portabilidade** o último item de análise de qualidade segundo o documento do Modelo de Qualidade NBR ISO/IEC 9126-1 Engenharia de software - Qualidade de produto é importante, pois se tratando de tecnologia por vezes o *software* pode precisar ser realocado de servidor.

Com base neste modelo de qualidade, observamos entre os dois sistemas selecionados (ICA-ATOM e TAINACAN) estas **características** e **subcaracterísticas** acima mencionadas. No quadro abaixo serão apresentados os dois softwares e os critérios da ISO/IEC 9621, onde os critérios são estabelecidos por dois pesos para pontuar o check list.

- Sim (1) – O *software* atende ao critério proposto.
- Não (0) – O *software* não atende ao critério proposto.

Quanto maior a pontuação que os *softwares* apresentarem, maior a qualidade do software de gestão. Quanto menor a pontuação que os softwares apresentarem, menor sua qualidade e o quadro demonstra o resultado.

Quadro 4 : Comparativo dos *Softwares* de Gestão de Acervos.

Critérios (ISO/IEC 9126-1)	Descrição	Softwares de Gestão de Acervos	
		ICA-ATOM (2008)	TAINACAN (2017-2019)
Características	Subcaracterísticas		
Sita	O software possui sita?	1	1
Funcionalidade	Adequação	1	1
	Acurácia	1	1
	Interoperabilidade	1	1
	Segurança de acesso	1	1
Confiabilidade	Maturidade	1	1
	Tolerância a falhas	1	1
	Recuperabilidade	1	1
Usabilidade	Inteligibilidade	1	1
	Aprensibilidade	1	1
	Operacionalidade	1	1
	Atratividade	1	1
Eficiência	Comportamento em relação ao tempo	1	1
	Utilização de recursos	0	1

Continua

Manutenibilidade	Analisabilidade	1	1
	Modificabilidade	0	1
	Estabilidade	1	1
	Testabilidade	1	1
Portabilidade	Adaptabilidade capacidade para ser instalado	1	1
	Capacidade para substituir	1	1
	Conformidade	1	1
	Coexistência	0	1
Acesso ao produto	Comunidade	1	1
	Documentação disponível	1	1
	Licenciamento	1	1
Metadados	Metadata Object Description Schema (MODS)	1	0
	Dublin Core	1	1
	NOBRADE	1	1
	EDM (Entity Type Class)	0	1
	LIDO	0	1

Fonte: Marçal, 2016, p.73.

O quadro comparativo 4, permite que verifiquemos a quantidade de “(1)” e “(0)” e com isso avaliar os *softwares* conforme o modelo de qualidade apresentado, avaliando as **características** e **subcaracterísticas** de cada um.

Começaremos com ICA-AtoM, que no primeiro item do quadro comparativo 4, possui um *site* intuitivo, de fácil manuseio e traduzido para o português já que seu *site* original é em inglês, o download da plataforma localizado a esquerda no site é visível e o administrador/usuário consegue compreender as instruções, por esse motivo esse item foi avaliado com o valor “(1)”, ou seja, corresponde a um bom desempenho nesse critério.

No segundo item do quadro comparativo 4, a **característica funcionalidade** está dividida em quatro **subcaracterísticas** que são: **adequação, acurácia, interoperabilidade e segurança de acesso**, possuem todos, o valor “(1)”, ou seja, todas as **subcaracterísticas de funcionalidade** estão dentro do critério de qualidade da ISO/IEC 9621. Podemos dizer que, a **adequação** do software AtoM possui uma capacidade elevada de permitir que usuários atinjam metas específicas com relação ao registro de informações. A **acurácia** é a capacidade do *software* fornecer resultados corretos e acordados com os necessário grau de precisão, ou seja o AtoM possui o valor “(1)” nesse critério. A **interoperabilidade** do *software* avaliado com o valor “(1)”, possui as capacidades intrínsecas de dois ou mais sistemas de compartilhar, intercambiar e buscar os dados no sistema como Mario Barité (2015), definiu o conceito de interoperabilidade, o que classifica o AtoM como um software com este tipo de capacidade pois em sua criação foram utilizadas diversas normas como padrão, para que o *software* conseguisse alcançar um bom nível de compartilhamento entre sistemas.

A **subcaracterística de funcionalidade** seguinte é a **segurança de acesso**, avaliado com o valor “(1)”, pois nesse critério o *software* exige senha para o administrador/usuário, possibilitando a privacidade das informações inseridas no sistema, e não só por possuir senha para acesso, mas por cada informação inserida se transformar em informação criptografada, ou seja, o código da informação inserida é apenas o usuário que a conhece.

A **característica** chamada de confiabilidade está dividida em três **subcaracterísticas** que são: **maturidade, tolerância a falhas e recuperabilidade**. A confiabilidade do AtoM possui o valor “(1)”, pois está intimamente ligada ao tempo médio de falhas que ocorre no software, o que significa que tanto a **maturidade**, a **tolerância e a**

recuperabilidade do AtoM estão com essas **subcaracterísticas** no valor “(1)”, por conseguirem lidar bem em condições inesperadas que causam um valor incorreto na saída da informação.

A **característica usabilidade** está dividida em cinco **subcaracterísticas** que são: **a inteligibilidade, apreensibilidade, operacionalidade, atratividade e o idioma** (multilíngue). Verificando a premissa de que a **usabilidade** é a forma de uso que os usuários empregam uma ferramenta ou objetos para realizar uma tarefa, e que cada **subcaracterística** mencionada possui o valor “(1)” no quadro comparativo 4, percebemos que o *software* além de ser atrativo é intuitivo, tornando a sua usabilidade linear e interativa, ou seja, o AtoM é um *software* de uma área específica, porém ele possui **apreensibilidade** com valor “(1)” e **operacionalidade** com valor “(1)” necessárias para que o usuário consiga utilizá-lo, e caso haja dúvida o manual/guia auxilia o usuário em seu entendimento.

A **característica de eficiência** está dividida em duas **subcaracterísticas: comportamento em relação ao tempo e utilização de recursos**. Na **subcaracterísticas de comportamento em relação ao tempo** avaliada com o valor “(1)” no quadro comparativo 4, verificamos que o AtoM possui um comportamento de rapidez (tempo de recuperação da informação) em relação ao tempo de digitação de uma palavra-chave e sua busca, quanto a **subcaracterística utilização de recursos** ao inserir informações no *software* em campos descritivos, como por exemplo, a descrição arquivística em que é um campo que não se pode mudar o seu título, isso dificulta o entendimento do usuário para a utilização desse item, o que determina a avaliação dessa **subcaracterística** no valor “(0)”.

A **característica manutenibilidade** está dividida em quatro **subcaracterísticas** que são: **analísabilidade, modificabilidade, estabilidade e testabilidade**. A manutenibilidade do *software* acontece por meio da facilidade, precisão e economia na execução de manutenção de um *software*, no AtoM as **subcaracterísticas** ligadas a **manutenibilidade** foram avaliados com o valor “(1)”, com exceção de modificabilidade com valor “(0)”, pois como já mencionado anteriormente existem campos como (descrição arquivística e Instituição arquivística) que não é possível modificar seus títulos o que pode confundir o usuário ao registrar informações nesses campos, lembrando que este estudo é voltado para acervo museológico. Para a **analísabilidade, estabilidade e testabilidade** o valor no quadro comparativo é “(1)”, pois essas **subcaracterísticas** possuem os critérios necessários para a qualidade do *software*. A **analísabilidade** do AtoM

encontra as falhas do software e as corrige para que isso não interfira na recuperação da informação. A **estabilidade** do AtoM se propõe a manter a capacidade própria evitando efeitos decorrentes de modificações inseridas pelos usuários. A **testabilidade** pode ser feita no próprio site do *software* que disponibiliza todas as versões do software para que os usuários escolham a melhor versão para suas Instituições.

A **característica portabilidade** está dividida em quatro **subcaracterísticas** que são: **adaptabilidade capacidade para ser instalado e capacidade para substituir, conformidade e coexistência**. A **portabilidade** está relacionada nesta pesquisa aos códigos fonte para uma outra linguagem de computador, pois o AtoM possui códigos abertos, tornando-se adaptável na capacidade de ser instalado e podendo ser substituído por novas versões posteriormente. A **adaptabilidade capacidade para ser instalado** “(1)”, o AtoM possui capacidade de ser adaptado a ambientes diferentes sem a aplicação de ações ou outros meios que não aqueles previamente estabelecidos graças a interoperabilidade dos padrões de metadados. A **capacidade para substituir** “(1)”, o AtoM possui a capacidade de substituir um outro *software* no mesmo ambiente para o mesmo propósito. A **conformidade** “(1)” é uma **subcaracterística** que torna o *software* consonante com padrões ligados á portabilidade, ou seja, o AtoM possui códigos abertos que colaboram para uma boa portabilidade. A **coexistência** “(0)”, não possui a capacidade de coexistir com outro *software* no mesmo ambiente e compartilhar recursos, o AtoM consegue compartilhar recursos, desde que seja com os mesmos padrões de dados (RAD, MODS e Dublin Core). Por esse motivo a **subcaracterística de coexistência** é de valor “(0)” e nas outras **sub características** o valor é “(1)”.

No penúltimo item do quadro comparativo 4 ,temos a **característica de acesso ao produto** que está dividida em três **subcaracterísticas** que são: **Comunidade, documentação disponível e licenciamento**. O **acesso ao produto** se dá por meio do site <https://www.accesstomemory.org/pt-br/>, que possui suporte necessário para que usuário obtenha assistência para o software. A **documentação disponibilizada** são as múltiplas versões do software para que o usuário escolha qual se adequa a sua Instituição, no caso desta pesquisa verificamos a versão 2.4, pois a proposta dessa versão possui melhores configurações. O **licenciamento** do *software* quem fornece é o Achivematica. Por esse motivo a **característica de acesso ao produto** e suas **subcaracterísticas** foram avaliados com o valor “(1)” no quadro comparativo 4 de *softwares*.

Os **metadados** suportados pelo AtoM são: **Rules for Archival Description (RAD)**, **Metadata Object Description Schema (MODS)** e **Dublin Core Metadata Element Set, versão 1.12, NOBRADE na versão 2.4** deste *software*. Os metadados mencionados acima no quadro comparativo receberam avaliações “(1)” conforme seus padrões de compartilhamentos (interoperabilidade), pois mesmo o RAD e MODS sendo especificamente para arquivos (conteúdo arquivístico), o AtoM dispõe de códigos abertos para melhorar esses padrões, porém mesmo possuindo o Dublin Core, não houve como inserir metadados que colaborassem para a inserção de informações para acervos museológicos, principalmente campos para uma descrição dos objetos tridimensionais. E os metadados EDM (Entity Type Class) e LIDO foram avaliados com o valor “(0)”, pois não se encontram inseridos no *software*.

Com o ICA-ATOM analisado passamos ao *Software* Livre Tainacan, as **características** e **subcaracterísticas** serão analisados cada uma como no *software* AtoM.

O Tainacan possui um *site* atrativo e intuitivo para que o usuário possa localizar as informações necessárias para a instalação e utilização do mesmo, por esse motivo a avaliação do site do software obteve o valor “(1)” no quadro comparativo 4, pois significa que o *software* disponibiliza site para os usuários.

A **característica funcionalidade** dividida em quatro **subcaracterísticas** que são: **adequação, acurácia, interoperabilidade e segurança de acesso**. A **característica funcionalidade**, diz respeito àquilo que o *software* faz quando solicitado pelo usuário, como, por exemplo: imprimir um relatório, apresentar dados na tela ou registrar uma informação em uma base de dados. O Tainacan permite ao usuário imprimir relatório e registrar informações, portanto o valor expresso no quadro comparativo é “(1)”, pois o *software* dispõe dessa funcionalidade. A **adequação** no Tainacan fornece aos usuários funcionalidades específicas adequadas para o objetivo de inserção de informações sobre acervo museológico, consequentemente a **acurácia** de obter resultados na recuperação da informação alcança um grau de precisão considerável, devido a essa precisão o valor alcançado na análise no quadro comparativo é o valor “(1)”. A **interoperabilidade** do *software* tem capacidade de interagir em diferentes sistemas e no momento de seu desenvolvimento foi a premissa maior de atingir a interoperabilidade, o que o *software* se propõe e por esse motivo o valor “(1)”, é apresentado no quadro comparativo como avaliação para essa **subcaracterística**. A **segurança de acesso** no Tainacan é por meio de

nome de usuário e senha, em que as informações são disponibilizadas apenas para os usuários cadastrados como (administrador, editor, etc). O valor “(1)” no quadro comparativo significa que o *software* possui segurança para acesso ao sistema computadorizado.

A **característica confiabilidade** está dividida em três **subcaracterísticas** que são: **maturidade, tolerância a falhas e recuperabilidade**. A partir do momento que um *software* reduz suas falhas a sua confiabilidade aumenta junto à comunidade de usuários, o Tainacan possui poucas falhas em seu sistema, porém pode ocorrer falhas em um servidor maior, mesmo ocorrendo falhas de compartilhamento entre esses sistemas, a recuperabilidade é rápida e eficaz tornando o Tainacan um *software* com maturidade para reverter essas falhas, portanto a avaliação dessas **características** é de valor “(1)” no quadro comparativo de critérios ISO- IEC 9126-1.

A **característica usabilidade** do Tainacan entendida como o quão é fácil usar o *software* e está dividida em cinco **subcaracterísticas** que são: **inteligibilidade, apreensibilidade, operacionalidade, atratividade, multilíngue**. A **inteligibilidade** do Tainacan permite que o usuário compreenda intuitivamente as informações que precisam ser inseridas em cada metadado, tornando o software amigável para o usuário. A **apreensibilidade** do *software* é rápida e amigável, pois os metadados e campos ficam visíveis com seus títulos indicando ao usuário o que é necessário preencher em cada campo. A **operabilidade** permite que usuário do Tainacan saiba como operá-lo e controlá-lo graças a sua inteligibilidade. A **atratividade** do Tainacan está interligada com a forma amigável e intuitiva de suas abas e telas para preenchimento dos campos, portanto o software é atrativo por meio de seu fácil uso. O software é **multilíngue** possuindo versão em inglês e português. Portanto nessas **subcaracterísticas** avaliadas o Tainacan recebeu o valor “(1)”, por estar dentro dos critérios de qualidade da ISO-IEC 9126.

A **característica de eficiência** está dividida em duas **subcaracterísticas: comportamento em relação ao tempo e utilização de recursos**. A **eficiência** não depende apenas do *software*, essa característica pode ser afetada por fatores como: velocidade da CPU, quantidade de memória cache e memória *RAM*, desempenho de disco rígido, volume de tráfego de rede, interação com outros softwares e com o sistema operacional, configurações deste último etc. Todos esses fatores interferem diretamente na eficiência de um *software*, como a avaliação da eficiência foi executada utilizando a rede da Universidade Federal de Santa Catarina, isso influenciou de forma positiva, não

acarretando qualquer problema quanto a seu desempenho, o que colaborou para que o **comportamento em relação ao tempo** do ciclo de resposta em condições apropriadas, possibilitando a máxima **utilização dos recursos** disponibilizados pelo *software*. Portanto o valor atribuído a essa **característica e subcaracterísticas** é de valor “(1)”, pois atende aos critérios de qualidade da ISO/IEC 9621.

A **característica manutenibilidade** está dividida em quatro **subcaracterísticas** que são: **analísabilidade, modificabilidade, estabilidade, testabilidade**. A **manutenibilidade** está diretamente associada à capacidade do software ser mantido. O Tainacan possui **analísabilidade** fazendo diagnósticos de suas falhas identificando a origem das mesmas, assim o *software* permite a correção de suas falhas. A **modificabilidade** do Tainacan é bem particular, ou seja, conforme as informações que usuário insere e percebe em seu acervo museológico, é possível criar seus campos individualizados e por coleções. A **estabilidade** do Tainacan evita que possíveis efeitos inesperados alterem as informações inseridas no sistema, ou seja, é um *software* com uma estabilidade bem desenvolvida não permitindo que modificações feitas por usuários/administrador causem alterações que poderiam prejudicar a própria estabilidade. A **testabilidade** é oportunizada no site do *software* <https://tainacan.org/> na aba de Download, onde tem downloads de desenvolvimento que servem como testes para o usuário. Logo a avaliação de todas essas **características e subcaracterísticas** no quadro comparativo recebeu o valor “(1)” por atender os critérios determinados pela ISO 9126 de qualidade.

A **característica portabilidade** é entendida para indicar a possibilidade de um código-fonte ser utilizado em diferentes plataformas de execução e possui quatro **subcaracterísticas** que são: **adaptabilidade capacidade para ser instalado e capacidade para substituir , conformidade e coexistência**. Na norma ISO/IEC 9126, a definição foi estendida para abranger a ideia de portar aplicações entre Instituições diferentes. Supõe-se que um programa possa, então, ser elaborado para operar em ambientes com características diferentes. O Tainacan consegue abranger diferentes aplicações tendo ligações com redes sociais como o facebook, twitter, podendo formular publicações para tais redes, assim possuindo **adaptabilidade capacidade para ser instalado** para ambientes diferentes sem a aplicação de ações ou outros meios que não aqueles previamente estabelecidos pelo usuário/administrador. Sendo assim a capacidade para ser instalado necessita de conhecimento básico para entender os plugins e

principalmente o *Wordpress*, porém no próprio site do *software* existem explicações de como proceder ao que contribui para que o usuário/administrador consiga instalar o sistema sem maiores problemas. A **capacidade de substituição** de um software no mesmo ambiente para o mesmo propósito é realizada pelo administrador permitindo a possibilidade de atender às especificidades do software substituído. A **conformidade** “(1)” é uma **subcaracterística** que torna o *software* consonante com padrões ligados à portabilidade, ou seja, o Tainacan possui códigos abertos que contribuem para uma boa portabilidade e acessibilidade do sistema. A **coexistência** do Tainacan com outro *software* permite que o mesmo compartilhe recursos em um mesmo ambiente, por isso é considerado além de software como repositório digital, pois compartilha seus recursos com diversas Instituições da mesma tipologia de acervos. Deste modo, essas **subcaracterísticas** foram avaliadas com o valor de “(1)”, pois atendem os critérios propostos pela ISO/IEC 9126.

A **característica de acesso ao produto** está dividida em três **subcaracterísticas** que são: **comunidade, documentação disponível e licenciamento**. A comunidade do *software* está localizada no site, no lado direito, onde aparece como uma listagem mostrando os mapas das últimas atualizações do sistema computadorizado é de fácil visualização e interpretação intuitiva. A **documentação** está disponível em uma aba específica ao lado da aba início, onde disponibiliza documentação para usuários e desenvolvedores, vídeos tutoriais, redes sociais e documentação acadêmica, ou seja, essas informações estão disponibilizadas de forma acessível e de fácil compreensão. O **licenciamento** é feito pela Atribuição 4.4 International (CC BY 4.0). Por consequência a avaliação desta **característica e subcaracterísticas** mencionados acima estão com o valor “(1)” no quadro 4 comparativo dos *softwares* .

O Tainacan suporta os metadados **Dublin Core, EDM, LIDO e Nobrade**, mas por padrão, a ferramenta faz uso do Dublin Core, ou seja, os demais precisam ser devidamente incluídos (UFG, 2017). O Dublin Core simples é composto por 15 elementos, no entanto, o Tainacan apresenta por padrão apenas 9 deles, que foram considerados suficientes para descrever um item dentro do *software*, estando o restante disponível para configuração pelo gestor do repositório. As características destes metadados são globais dentro do *software*, e por isso, abarcam todas as coleções (UFG, 2017). Os metadados no quadro comparativo receberam avaliações conforme seus padrões de compartilhamentos (interoperabilidade), pois são permitidas alterações

globais, realizadas pelo administrador, ou locais, dentro de cada coleção, por qualquer nível de usuário, o que permite a todos a possibilidade de atender às especificidades de cada projeto. Os metadados Rules for Archival Description (RAD) e Metadata Object Description Schema (MODS) receberam o valor “(0)”, pois estes não se encontram no Tainacan por serem específicos da área arquivística.

Desta forma, analisando o quadro comparativo de *softwares*, verificamos que o *software* AtoM possui muitas qualidades, porém os padrões de metadados utilizados são mais voltados para o meio arquivístico, não atendendo a todos os elementos necessários aos padrões de metadados museológicos do NEA, os campos podem ser preenchidos porém causa uma certa confusão no usuário pois os títulos dos metadados são engessados como mencionamos no campo de descrição arquivística.. A partir de experimentações realizadas pela Archivematica parece que a versão atual do AtoM lida bem com registros, porém os dados ainda são perdidos durante as importações XML.

Já o Tainacan possui padrões de metadados adequados para os campos descritivos de informações museológicas, com a liberdade de adequá-los segundo a tipologia do acervo museológico do NEA, ou seja, conseguindo incluir os campos da ficha de catalogação desenvolvida especificamente para a Instituição mencionada. A vantagem do Tainacan é ter como premissa a interoperabilidade para a recuperação da informação. Assim, colabora para a disseminação de diferentes coleções entre as Instituições museológicas que utilizam o *software* como uma base de dados no formato de repositório digital. O Tainacan é usado por diversas Instituições museológicas, que ao longo dos meses de pesquisa por meio de bibliografias (artigos, TCC'S, dissertações, teses) constatamos que o Museu do Índio, Museu Afro, Museu Victor Meirelles, bem como exemplo listado no site do Tainacan, o Museu Fake News Toolkit em San Diego nos Estados Unidos também o implementou.

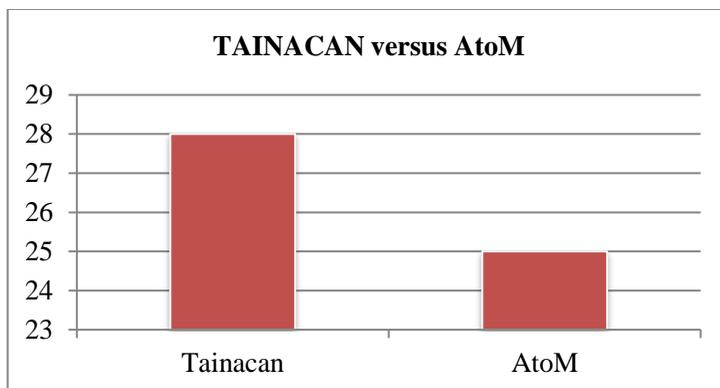
A norma ISO/IEC 9621 utilizada para avaliar e analisar os *softwares* AtoM e Tainacan gera impactos diretos na forma e na qualidade das informações que serão escolhidas e indexadas para alimentar o sistema sugerido em uma futura implementação no NEA. Possibilitando que os pontos positivos demonstrados em gráfico sejam utilizados em conformidade com os pontos principais da Instituição que são a memória, a preservação e a pesquisa.

Com um sistema informacional computadorizado que atenda a demanda do NEA é possível que o acervo museológico existente na

Instituição tenha maior visibilidade e divulgação, além de contribuir para a disseminação das informações coletadas para a documentação museológica, e com mais pesquisas desenvolvidas em conjunto com outros pesquisadores possibilitar um maior conhecimento dos objetos, de sua história, das memórias que esses objetos suscitam.

Assim, conforme o gráfico (figura 19), o *software* Tainacan, é o que possui uma avaliação maior contabilizando **28 pontos positivos (vertical)** no valor “(1)”, no quadro comparativo e no gráfico é apresentado no eixo horizontal. Já o *software* AtoM contabiliza **25 pontos positivos (vertical)** no valor “(1)”, no quadro comparativo indicado no eixo horizontal.

Figura 19: Gráfico dos Resultados da Avaliação dos *Softwares* AtoM e Tainacan:



Fonte: Mônica Rocha, 2019.

O gráfico¹¹ (figura 19), reforça que mesmo o AtoM possuindo qualidades excelentes, o mais indicado para o acervo museológico do NEA é o *software* Tainacan, pois o acervo museológico que o NEA possui, é de diferentes materiais, histórico e procedência, o que contribui com uma documentação museológica diversificada e uma

¹¹ Na figura 19 do gráfico de resultados, não é apresentado o valor (0) do quadro comparativo 4, pois esse valor não possui somatória, apenas apresentamos o valor (1), sendo que o que possui maior pontuação é o Tainacan. O AtoM como dito anteriormente, possui boas qualidades porém o maior entrave foi adequar os campos descritivos para a tipologia de acervo museológico do NEA.

necessidade de que um sistema informacional computadorizado seja flexível para abarcar as diversas informações que precisam ser indexadas e recuperadas posteriormente.

A combinação da documentação Museológica com a organização das informações em um sistema informacional computadorizado converge com a portaria de criação do NEA, que visou a necessidade de manter um banco de dados sobre os estudos açorianos realizados ou em realização, para propiciar o desenvolvimento de políticas de ação comunitária internamente e externamente da UFSC. Com as informações do acervo museológico do NEA reunidos em uma ferramenta como o Tainacan, seria possível que outras instituições no estado de Santa Catarina e no Brasil tivessem a oportunidade de conhecer o acervo e a história do NEA, por meio de uma rede museológica que o Tainacan disponibiliza, alcançando um outro ponto da portaria de criação do NEA que é a necessidade de propiciar o intercâmbio entre os pesquisadores. A avaliação executada nos *softwares* AtoM e Tainacan contribui para que as necessidades de documentação museológica do NEA sejam respeitadas para quando haja a convergência dessas informações para o meio digital no *software* sugerido, além disso, a disponibilização dessas informações em rede concede uma socialização de informações que oportunizam a cidadania à comunidade acadêmica e a comunidade além dos muros da academia. A rede também oportuniza uma maior visibilidade para o trabalho desenvolvido pelo NEA não só para o litoral catarinense, mas com possibilidades de mais trocas de conhecimento entre os Açores contemporâneo e a cultura de base açoriana do estado de Santa Catarina. Assim, “pensando a informação como o novo, o inesperado, ou aquilo que não se podia prever. A memória justifica o novo, a informação e a redundância” (CHAGAS, 1994).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise e avaliação baseada na ISO-IEC 9126, foi possível identificar as qualidades necessárias para sugerir uma perspectiva futura de implementação do Tainacan no NEA, sabe-se que o acervo ainda está em processo de documentação museológica, o software é uma possibilidade de divulgação do acervo museológico não só para a comunidade acadêmica, mas para a sociedade além dos muros da Universidade.

O percurso construído ao longo da pesquisa procurou apresentar conceitos das áreas da Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da informação com suas especificidades, diferenças e similaridades o que possibilita que cada uma dessas áreas agreguem importantes contribuições para que Instituições museológicas compreendam que a partir do momento que a instituição conhece seu acervo museológico, por meio de uma documentação museológica bem estruturada, torna possível pensar mais à frente buscando sistemas informacionais computadorizados, para que as informações sejam recuperadas e disseminadas. Desta forma, colaborando para que o acervo museológico do NEA seja maximizado e socializado para conhecimento de diferentes públicos.

A tecnologia está em constante desenvolvimento em uma dinâmica que os Museus precisam se conectar. Podemos dizer que, alguns anos atrás para manter um software tinha um custo muito elevado, porém as opções de softwares livres foram ganhando espaço e tendo um custo zero para as Instituições contribuindo para que as mesmas comessem a desejar estar na rede. A presença na rede não diminui o trabalho de documentação museológica como ferramentas de arrolamento, levantamento, inventário necessárias para colhermos as informações e conseguir registrá-las no sistema, ela potencializa.

A busca por um padrão de metadados, para o campo museológico e um software que atenda a necessidade de Instituições “menores” em sua constituição, mas não em sua importância incentivou a realização de uma pesquisa voltada para o modelo de qualidade de software, uma norma publicada em 2003 de fácil acesso e que colabora para que profissionais de qualquer área possam utilizá-la como parâmetro para entender o software que a Instituição tenciona adotar.

Os dois *softwares* analisados possuem uma facilidade em seu acesso que colabora com a disseminação dos mesmos em pequenos e grandes museus, universidades, entre outras Instituições. O Tainacan atendeu a praticamente todos os critérios expostos e ainda tem a

vantagem de não sofrer uma descontinuidade, pois o *software* passa constantemente por novas melhorias e com muitas Instituições pelo Brasil e exterior já o utilizando. Em termos de metadados os *softwares* atendiam aos principais, mesmo o AtoM sendo voltado para descrição arquivística. O Dublin Core é o que mais atende as necessidades do NEA, pois este padrão suporta mídias, que permitem atender a relação de objetos virtuais e objetos digitalizados.

Com o problema de pesquisa como os sistemas informacionais computadorizados podem contribuir com a organização, disseminação e recuperação da informação do NEA? Foi possível partir do princípio que antes de pensar em sistemas computadorizados a demanda do NEA era executar manualmente a documentação museológica, para isso utilizamos ferramentas como o levantamento e arrolamento para quantificar os objetos e assim pensar em uma forma de organizá-los para uma catalogação mais aprofundada, ou seja, exigindo pesquisas sobre a história do objeto e as relações com a Instituição.

Possuindo as informações necessárias para uma documentação museológica, e reconhecendo o acervo museológico do NEA, foi possível analisar a qualidade dos sistemas informacionais computadorizados e a partir disso escolher o AtoM e Tainacan analisando-os por meio de **características** e **subcaraterísticas** definidas pela ISO/IEC 9621, visando sempre a qualidade e a usabilidade desses sistemas para os funcionários do NEA. Pois por meio da organização das informações indexadas possibilita-se uma recuperação e disseminação eficaz para a demanda interna e externa da Instituição.

A recuperação da informação e a disseminação só acontecem se houver uma padronização das informações que são indexadas na ficha de catalogação, e isso foi possível por meio da comparação entre o AtoM e Tainacan, pois a medida que a análise era desenvolvida verificou-se os campos que mais causavam dificuldade em ser utilizados, pode-se citar a descrição arquivística do AtoM que foi um campo engessado e que não permitiu que fosse modificado para a necessidade museológica do NEA, diferentemente do Tainacan que possui uma flexibilidade nos campos que permite uma maior customização.

A partir da comparação e análise dos *softwares* percebemos que ainda há muitas discussões a serem feitas, um exemplo são os vocabulários controlados para a Cultura de base Açoriana, o que temos por agora é um tesouro de folclore que ainda não abrange os termos mais específicos necessários para identificar a açorianidade do acervo museológico do NEA.

Portanto, a pesquisa contribui para sugerir o *software* livre Tainacan para uma futura implementação no Núcleo de Estudos Açorianos, podendo ser customizado para atender adequadamente o acervo museológico bidimensional e tridimensional de modo a construir um repositório de objetos da cultura de base açoriana em Santa Catarina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Jorge Phelipe Lira de; CASTRO, Priscila de Paiva; SHINTAKU, Milton; SANTAREM SEGUNDO, José Eduardo. Guia do Usuário AtoM. Disponível em:

<http://livroaberto.ibict.br/handle/123456789/1065>. Acesso em: 10.out.2019.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Bibliotecas, Arquivos e Museus: Convergências. Rev. Conhecimento em Ação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan/jun. 2016. Disponível em:<https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/2737/2807>. Acesso em: 27.set.2019.

ALVARES, Lilian. Informação em Arquivos, Bibliotecas e Museus.2015. Disponível em:<https://slideplayer.com.br/slide/3191166/>. Acesso em: 29.set.2019.

APPOLINÁRIO, F. Metodologia científica: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

ARQUIVO NACIONAL. Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2005. 232 p. (Publicações Técnicas, 41) Disponível em:http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arqui_v.pdf. Acesso em 19.abr.2019.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Guia do acervo.**Disponível em: <http://icaatom.arquivoestado.sp.gov.br/ica-atom/index.php/informationobject/browse>. Acesso em:20.out.2019.

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. O objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský. Disponível em:<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=151410>. Acesso em: 23.abr.2019.

BERNERS-LEE, T.; HENDER, J.; LASSILA, O.. The semantic web: a new form of web content that is meaningful to computers will unleash a revolution of new possibilities.2001.Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=13&ved=2ahUKEwjZuMWfzP3kAhXVHrkGHU9MC20QFjAMegQIC>

RAC&url=http%3A%2F%2Fwww.brapci.inf.br%2F_repositorio%2F2010%2F11%2Fpdf_35a95a5e56_0012878.pdf&usg=AOvVaw2TDcuG-xqNr8h01Q3DeBnx .Acesso em:01.out.2019.

BARBEDO, F.; CORUJO, L.; SANT'ANA, M. Recomendações para a produção de planos de preservação digital. Lisboa:Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), nov. 2011. 111 p. Disponível em:http://arquivos.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/16/2014/02/Recomend_producao_PPD_V2.1.pdf. Acesso em:01.out.2019.

BARBOSA, Cátia Rodrigues; PORTO, Renata Maria Abrantes Baracho; MARTINS, Cesar Eugenio Macedo de Almeida. Museus: sistemas de informação para uma realidade virtual. 2013. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/paper/viewFile/3924/3047>. Acesso em:28.ago.2019.

BARITÉ, Mario. Dicionario de organización del conocimiento : Clasificación, Indización, Terminología. 6 ed. corregida y aumentada, Montevideo: CSISC, 2015. p.89-128.

BAUER, Jonei.Conheça nossa ferramenta on line para diagnóstico de acervo.Disponível em:<https://www.triscele.com.br/triscele/diagnostico-de-acervo-online>. Acesso em: 24.ago.2019.

BERTOLINI, H. Marejada, festa portuguesa e do pescado em Santa Catarina – Na invenção da tradição, a construção da identidade açoriana. 1997. Projeto de pesquisa da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí).Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0511-1.pdf>. Acesso em:16.out.2019.

BUCKLAND, M. Information as thing. Journal of the American Society for Information Science. v. 42, n. 5, p. 351-360. 1991.

BRAGA, Ana. O que é inventário. Disponível em:<<http://gerircolecões.blogspot.com/2013/12/o-que-e-o-inventario.html>>. Acesso em:09.out.2019.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. CONARQ. Glossário CTDE. Disponível em: <http://conarq.arquivonacional.gov.br/documentos-eletronicos-ctde/glossario-ctde.html> . **Versão 4 (2008)**. Acesso em: 22.out.2019.

BRASIL. Resolução Normativa nº1, de 31 de Julho de 2014. Disponível em: http://www.lex.com.br/legis_25789236_RESOLUCAO_NORMATIVA_N_1_DE_31_DE_JULHO_DE_2014.aspx . Acesso em: 09.out.2019.

CAMARGO-MORO, Fernanda. Museu: Aquisição-Documentação. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.

CAMPOS, Nazareno José de. Açorianos do Litoral Catarinense da invisibilidade à mercantilização da cultura. ARQUIPÉLAGO • HISTÓRIA, 2ª série, XIII (2009), p.197-199. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61437470.pdf>. Acesso em: 12.out.2019.

CARMO, Danielle do; MARTINS, Dalton Lopes; SIQUEIRA, Joyce. Tainacan: Software Livre para Gestão de Acervos Culturais Digitais. IV SEBRAMUS . Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/4sebramus/4sebramus/paper/view/395>. Acesso em: 13.out.2019.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. Caderno de Diretrizes Museológicas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 2006, p. 33- 92. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_I%20Completo.pdf. Acesso em: 12.jun.2019.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e PósGraduação em Ciência da Informação, 2003. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/2994/2120>. Acesso em: 16. maio.2019.

CASTRO, Ana Lúcia Sianes de. Informação Museológica: uma proposição teórica a partir da ciência da informação. In: Pinheiro, Lena Vania Ribeiro (ORG.). Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinariedade. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT, 1999.p.13-31.
CONARQ. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Câmara Técnica de documentos. Glossário CTDE. **Versão 2008**. Disponível em: <http://conarq.arquivonacional.gov.br/documentos-eletronicos-ctde/glossario-ctde.html>. Acesso em: 12.out.2019.

CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: A problemática da construção teórica na área de documentação. 1994. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/artic le/view/534>. Acesso em: 22.set.2019.

CHAGAS, Mário. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. Patrimônio – revista Eletrônica do IPHAN. Dossiê educação Patrimonial nº3. Jan/Fev. de 2006. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/educacao_museu_p atrimonio_tensao.pdf. Acesso em: 11.out.2019.

CÉ, Graziella; FLORES, Daniel. Implantação do Software ICA-ATOM como ferramenta de difusão de acervos arquivísticos em IFES : O estudo do caso UFCSPA. Disponível em: <http://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/article /view/155/75>. Acesso em: 13.out.2019.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed Porto Alegre: ARTMED, 2010. 296 p.

DA MATTA, Roberto. Você tem Cultura?. Disponível em: <<http://btux.com.br/professorbruno/wp-content/uploads/sites/10/2018/07/Voce-tem-cultura.pdf>>. Acesso em: 12.out.2019.

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DE DOCUMENTAÇÃO EM MUSEUS.(CIDOC-ICOM). São Paulo : ICOM, 2014, 76 p.
Espírito Santo, Sílvia Maria do. A contribuição do estudo do colecionismo para historiografia do Museu Histórico do antigo “Oeste Paulista”. **TransInformação**, Campinas, 23(1):29-37, jan./abr., 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v23n1/a03v23n1.pdf>>. Acesso em: 01.dez.2019.

FARIAS, Vilson Francisco. **Dos Açores ao Brasil Meridional: Uma viagem no Tempo**. V.I. Florianópolis: Centro de Educação- UFSC, 1998.

FARIAS, Vilson . **Dos Açores ao Brasil Meridional: Uma viagem no Tempo**. V.II. Florianópolis: Centro de Educação- UFSC, 2000 a.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: Caderno de ensaios n.2, Estudos de museologia. Rio de janeiro, Minc/Iphan, 1994. p. 64-73.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU, 4., Recife. Trabalhos apresentados. Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991. Disponível em: <http://www.crnti.edu.uy/02cursos/ferrez.doc> . Acesso em: 20.abr.2019.

FERREZ, Helena Dodd et al. Um experiência brasileira em automação de museus: o Museu Nacional de Belas Artes. Porto Alegre, 2002. Texto apresentado no Encontro do CIDOC.

FONSECA, Edson Nery da. Problemas brasileiros de documentação. Brasília: IBICT, 1988.

FUJITA, M. S. L. A leitura documentária do indexador: aspectos cognitivos e linguísticos influentes na formação do leitor profissional. 321f. 2003. Tese (Livre-Docência nas disciplinas Análise Documentária e Linguagens Documentárias Alfabéticas) – Faculdade de Filosofia e Ciência, UNESP.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE FLORIANÓPOLIS FRANKLIN CASCAES. Florianópolis: Síntese Histórica. 3ª ed. Revista. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes Publicações, 2008, p.25-32.

FLORES, Daniel; HEDLUND, Dhion Carlos. Análise e aplicação do ICA-AtoM como ferramenta para descrição e acesso às informações do patrimônio documental e histórico do município de Santa Maria –RS. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 3, p. 86 - 106, set./dez. 2014. Disponível em:

http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/download/14892/pdf_33. Acesso em: 16. out.2019.

FRIGO, Daiane. O Museu como patrimônio da comunidade: reflexões sobre a implantação do Museu de Formosa do Sul /SC. Disponível em:< https://www.encontro2018.sc.anpuh.org/resources/anais/8/1532558390_ARQUIVO_ANPUH_Daiane_Frigo_Artigo_MUSEU_COMO_PATRI_MONIO_DA_COMUNIDADE.pdf>. Acesso em: 15.set.2019.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p.123-126.

GOMES, Deborah Ferreira. DDpositório: O desenvolvimento de um repositório digital para o curso de design digital. Disponível em:http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/39447/1/2018_tcc_dfg_omes.pdf. Acesso em: 13.out.2019.

HAPRING,Patricia.Introdução aos Vocabulários Controlados: Terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado:Pinacoteca de São Paulo, ACAM Portinari,2013,p.288.

HERMANS, A. La définition des termes scientifiques. *Meta*, v.34, n.3, p.529-532, 1989.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. Museología como ciencia de la documentación. In: LÓPEZ YEPES, José (Coord.). *Manual de ciências de la documentación*. 2 ed. Madrid: Pirámide, 2006. p. 159-178.

HOMULUS, Peter. Museums to libraries: a family of collecting institutions. *Art Libraries Journal*, v.15, n.1, p.11-13, 1990.

ICOM. *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. ICOM, 2004. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/> Acesso em: 19.abr.2019

ICOM. INTERNATIONAL COMMITTEE FOR DOCUMENTATION, ICOM/CIDOC. Statement of principles of museum documentation, 2012. Disponível em:<

<http://network.icom.museum/cidoc/resources/cidoc-standardsguidelines/>> . Acesso em:20.abr.2019.

INGWERSEN, Peter. Recuperação da informação.(slides:4-5)2018. Disponível

em:<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=194176>.

Acesso em: 13.out.2019.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. Resolução Normativa nº 2 de 29 de agosto de 2014. Disponível em:

http://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2014/09/ResolucaoNormativa2_INBCM.pdf. Acesso em: 23.out.2019.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. Acesso digital Ampliado ao Patrimônio Museológico dos Países de Língua Portuguesa. Disponível em:http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/memo_info_mi_2011/FCRB_MI_Projeto_Acesso_Digital_Ampliado.pdf. Acesso em: 23.out.2019.

IPHAN. Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais. Rio de Janeiro IPHAN/DEMUJ. (2004).

MUSAS. Revista Brasileira de Museus e Museologia.V. I. Rio de Janeiro: IPHAN.Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/04/Musas1.pdf>. Acesso em: 02.set.2019.

JORENTE, Maria José Vicentini; *et.al.* **O Marco Civil da Internet e a Ciência da Informação:** uma discussão sobre os softwares livres AtoM e Archivematica.Disponível em:

<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3688>. Acesso em:20.out.2019.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa Histórica no museu. Caderno de Diretrizes Museológicas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 2006, p. 94-105. Disponível em:

http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_I%20Completo.pdf. Acesso em:12.set.2019.

KIEFER, Sabine. Os grupos folclóricos de Blumenau/Die Volkstanzgruppen in Blumenau. *Jornal de Santa Catarina. 180 anos da imigração alemã. Manifestações Culturais*, 2004, p. 2-4. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es> . Acesso em:02.set.2019.

LADKIN, N. Gestão do Acervo. In: *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. ICOM, 2004.

LAUDON, Kenneth C.; LAUDON, Jane P. *Sistemas de Infomação com Internet*. 4. ed .Rio de Janeiro: LTC, 1999.

LEAL, João. *Cultura e identidade açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2007.

LE GOFF, J. *História e memória: escrita e literatura*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LEMOS, Leonardo Hermes. Uma imagem vale mais que mil palavras: um estudo de caso no acervo fotográfico do Núcleo de Estudos Açorianos- NEA-UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/134313/tcc%20finalizado.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em:04.dez.2019.

LIMA, Fábio Rogério Batista; SANTOS,Plácida Leopoldina. V.A.C.;SEGUNDO, José Eduardo Santarém. Padrão de metadados no domínio museológico. *Perspect. ciênc. inf.* vol.21 n.3 Belo Horizonte July/Sept. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362016000300050. Acesso em: 01.out.2019.

LÓPEZ YEPES, José. 1997. “Reflexiones sobre El concepto de documento ante La revolución de La información: un nuevo profesional del documento?” *Scire* 3(1):11-29. Disponível em:<https://journals.openedition.org/midas/78?lang=es>. Acesso em: 22.set.2019.

LOUREIRO, Maria Lucia N. M. “Preservação in situ X ex situ: reflexões sobre um falso dilema”. (apresentado no 3.º Seminário Iberoamericano de Museologia, Madrid, España). Disponível em: <http://www.siam2011.eu/wp-content/uploads/2011/10/Maria-Lucia-de-Niemeyer-ponencia-Draft.pdf>. Acesso em: 20. abr.2019.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos. **MIDAS** - Museus e estudos Interdisciplinares, n. 1, 2013. Disponível em: <http://midas.revues.org/78>. Acesso em: 28.abr.2019.

LUND, N. W. Document theory. *Annual Review of Information Science and Technology*, Medford, v. 43, p. 399-432, 2009.

MAIA, Moacir Rodrigo de Castro. Museus Brasileiros e a hiperconectividade : a experiência com a plataforma Tainacan no acesso ao patrimônio Afro-Digital. 2018. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2018/4751-museus-brasileiros-e-a-hiperconectividade-a-experiencia-com-a-plataforma-tainacan-no-acesso-ao-patrimonio-afro-digital.html>>. Acesso em: 13.out.2019.

MARCONDES, C. H; KURAMOTO, Hélio; TOUTAIN, Lídia Brandão. Bibliotecas digitais: Saberes e Práticas. 2005. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1013/1/Bibliotecas%20Digitais.pdf> . Acesso em: 20.out.2019.

MARCONDES, C. H. Interligando acervos digitais na Web em arquivos, bibliotecas e museus. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ARQUIVOS DE MUSEUS E PESQUISA: humanidades e interfaces digitais, 3., 2013, São Paulo. Anais... São Paulo: Grupo de Trabalho Arquivo de Museus e Pesquisas, 2013. p. 9-30.

MARÇAL, Carolina Schwaab; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas. Capela São José: espaço de memória e identidade Cristã- Lasallista em Canoas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA E PATRIMÔNIO : 10 ANOS DEPOIS [2003 - 2013], 7., 2013, Pelotas. Anais... . Pelotas: Ufpel, 2014. p. 485 - 491. Disponível em: <<repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/666/1/MARCAL.pdf>>. Acesso em: 12.maio.2019.

MARTINS, Cesar Eugenio M.A. BARACHO, Renata Maria Abranches; BARBOSA, Cátia Rodrigues. Os Museus na era da informação: análise do uso de recursos tecnológicos. 40 COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO . Belo Horizonte, de 26 a 28 de setembro de 2016. Disponível

em:<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2016/artigos/pdf/449.pdf>. Acesso em:01.out.2019.

MARTINS, Dalton Lopes; SILVA, Marcel Ferrante; SEGUNDO, José Eduardo Santarem; SIQUEIRA, Joyce. Repositório Digital Com O Software Livre Tainacan: Revisão da Ferramenta e exemplo de Implantação na Área Cultural com a revista Filme Cultura. XVIII Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência Da Informação – ENANCIB 2017. Disponível

em:<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/472/838>. Acesso em:13.out.2019.

MAROEVIC, Ivo. The museum message: between the document and information. In: HOPPER-GREENHILL, Eilean (Org.). In: Museum, Media, Message. Londres: Routledge, 1995. p. 24-36.

MATOS, Alexandre Manuel Ribeiro. Os sistemas de informação na gestão de colecções museológicas Contribuições para a certificação de museus. 2007. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13038/2/Tesemestresistemasdeinformacao000069301.pdf>>. Acesso em: 20.abr.2019.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. Estudos históricos, Rio de Janeiro, 1998, v. 11, n. 21, p. 89-103.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história. A exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 2, p. 9-42, 1994.

MONTEIRO, S. D. O ciberespaço e os mecanismos de busca: novas máquinas semióticas. Ciência da Informação, v. 35, n. 1, p. 31-38, jan./abr. 2006.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda;

PICKLER, Maria Elisa Valentin. A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento. Datagramazero. v,6, n.8, 2008. Disponível em:http://www.dgz.org.br/dez08/Art_02.htm. Acesso em: 23.abr.2019.

MURGUIA, Eduardo Ismael; RIBEIRO, Raimundo Donatodo Prado. Memória, História e Novas Tecnologias. Impulso, Piracicaba, v. 12, n. 28, p.175-186, jan. 2001.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. Política de Aquisição e Descarte de Acervos. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins/MAST/MCT, 2011. Disponível em: http://www.mast.br/pdf/politica_de_aquisicao_e_descarte.pdf. Acesso em:4.set.2019.

NASCIMENTO, Thiago Alexandre do. Avaliação da Qualidade de um produto de Software. Disponível em: www.cin.ufpe.br/~tg/2010-1/tan2.docx. Acesso em:05.mai.2019.

NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION (NISO). Understanding Metadata. Bethesda, MD: NISO Press, 2004. Disponível em: <http://www.niso.org/publications/press/UnderstandingMetadata.pdf>. Acesso em: 01.out.2019.

NEA - Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC. 2014a. Disponível em: <https://nea.ufsc.br/>. Acesso em: 29 jul. 2014.

OLIVEIRA, Andréia Machado; SIEGMANN, Christiane; COELHO, Débora. As coleções como duração: o colecionador colecciona o quê? Episteme, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/paper/viewFile/298/195>. Acesso em:04.dez.2019.

OLIVEIRA, G.; ARAÚJO, W. Usar ou não usar – qual a relevância das metatags na recuperação da informação pelos mecanismos de busca? Biblionline, v. 8, n. 1, p. 60-77, 2012. Disponível em: <http://www.brapi.inf.br/index.php/res/download/51817>. Acesso em: 02.set.2019.

OLIVEIRA, M. M. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis, Vozes, 2007.

OTLET, P. El Tratado de Documentación: el libro sobre el libro: teoría y práctica. Murcia: Universidad de Murcia, 1934.

PADILHA, Renata Cardozo. Documentação Museológica e Gestão de Acervos. (Coleção Estudos Museológicos, v.2), FCC:Florianópolis/SC, 2014. Disponível em: <http://samapa.com.br/samapa/wp-content/uploads/2018/03/documentacao-museologica-e-gestao-de-acervo.pdf>. Acesso em: 11.maio.2019.

PEDRÃO, Gabriela Bazan;BIZELLO, Maria Leandra. As coleções como patrimônio: um meio para a preservação da História e da Memória.VI SECIN- Seminário em Ciência da informação, Londrina, 2016. Disponível em:<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/paper/viewFile/298/195>. Acesso em: 04. dez.2019.

PEREIRA, Nereu do Vale. Contributo Açoriano para a construção do Mosaico cultural catarinense. ed.Papa-Livro: Florianópolis,2003,p. 97-101.

PEREIRA, Sandra Regina Velasques. O Núcleo de Estudos Açorianos: Um olhar sobre a extensão na Universidade Federal de Santa Catarina.2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/158879/337279.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14.set.2019.

PORTA, Eduard; MONTSERRAT, Rosa. M; MORRAL, Eulàlia. Sistema de Documentación para Museos. ICOM- Departament de Cultura de la Generalitat de Catalunya. Barcelona, 1982.p.42-46.

POSSAMAI, Zita Rosane. Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: EST, 2001.

PRESSMAN, Roger S.. Engenharia de Software - Uma Abordagem Profissional. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

REIG CRUAÑES, J. Para una teoría informativa del documento: extensión y aplicabilidad del concepto. Revista Interamericana de Bibliotecología. Antioquia, v. 28, n. 1, p. 13-42, ene./jun, 2005.Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1790/179014340002.pdf>. Acesso em:11.abr.2019.

RUGGIERI, Ruggero. Análise sobre a ISO 9126-NBR13596. Disponível em:<https://www.tiespecialistas.com.br/analise-sobre-iso-9126-nbr-13596/>. Acesso em:13.out.2019.

SALADINO, Alejandra. Para uma Política de acervo do Museu da República (MR). Disponível em:
<http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/10/5-Relato-de-Experiencia1-Alejandra.pdf>. Acesso em: 05.out.2019.

SANTOS,Cibele Araújo Camargo Marques dos; LUZ, Charley dos Santos; AGUIAR,Francisco Lopes. Introdução á organização de Arquivos: Conceitos arquivísticos para bibliotecários.Disponível em:<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002749735.pdf>. Acesso em: 19.abr.2019.

SÃO PAULO. Secretaria do Estado de São Paulo. Documentação e Conservação de acervos museológicos: Diretrizes.Textos Angelica Fabbri [et.al]; MONTEIRO, Juliana. Diretrizes em Documentação Museológica. Associação Cultural de Amigos Casa de Portinari; São Paulo: Secretaria de Estado e Cultura de São Paulo,2010, p.48-79.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado de Cultura.SPECTRUM 4.0: o padrão para gestão de coleções de museus do Reino Unido. Collections Trust. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura; Associação de amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo,2014. p. 21-30.

SCHEINER, Tereza. Museologia e pesquisa: perspectivas na atualidade. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos (Org.). *Museus Instituição de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Museu de astronomia e Ciências Afins, 2005.Disponível em:
http://site.mast.br/hotsite_mast_colloquia/pdf/mast_colloquia_8.pdf. Acesso em: 29.abr.2019.

SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a Identidade Açoriana: A Maquiagem Possível**. Itajaí : Univali,1999.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; GOMES,Henriette Ferreira. Conceitos de Informação na Ciência da Informação: Percepções Analíticas, proposições e categorizações. *Inf. & Soc.:Est., João Pessoa*, v.25, n.1, p.

145-157, jan./abr. 2015 . Disponível

em:<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/145/13200> . Acesso em:02.maio.2019.

SILVA, Lucinéia Batista da; LANDIM, Laís Alpi; JORENTE, Maria José Vicentini. O redesign do sistema Access to Memory (AtoM) para a curadoria digital de acervos museológicos heterogêneos da UNESP.

Disponível em:

<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/view/1343/1758>. Acesso em: 2.set.2019.

SILVA, Talita Cristina. AtoM, normas e padrões para a descrição e representação de informações e objetos digitais em ambientes web. Disponível em:

https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/silva_tc_me.pdf. Acesso em:12.out.2019.

SILVEIRA, Marcus Marciano Gonçalves da. **O Uso do Software-Livre “Atom” na gestão e na difusão de acervos:** um projeto-piloto do Centro de Referência da Música de Minas - Museu Clube da Esquina para a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em:

<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/86000>. Acesso em: 3.out.2019.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A Documentação e suas diversas abordagens. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia N. M. (Org.). A Documentação e suas diversas abordagens. Rio de Janeiro: MAST, 2008. Disponível em:

http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/933/1/mast_colloquia_10.pdf.

Acesso em: 28.mar.2019.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A informação na Ciência da informação.

InCID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 84-101, jul./dez.

2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/00630274029/Downloads/48655-Texto%20do%20artigo-59375-1-10-20121220.pdf>> . Acesso

em:01.maio.2019.

SIQUEIRA, A. H. Sobre a natureza da tecnologia da informação.

Ciência da Informação, Brasília , v. 37, n. 1, Abr. 2008 . Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100- Acesso em: 21.maio.2019.

TASCA, Carine; BONA, Rafael José. A cultura da cidade de Itajaí/SC representada nos cartazes publicitários da Festa Marejada. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0511-1.pdf>. Acesso em: 12.out.2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG). Manual do Usuário Tainacan Repositório v. 1.3.3. Goiânia: MediaLab: Laboratório de Políticas Públicas Participativas, 2017. Disponível em : <<https://www.medialab.ufg.br/n/89336-laboratorio-de-politicas-publicas-participativas>>. Acesso em: 26.out.2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Convênio de cooperação e intercâmbio entre a Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, e a Universidade dos Açores (Portaria), Portugal. Florianópolis: UFSC, 1984.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Plano Diretor de Tecnologia da Informação e Comunicação- 2016 a 2020. Disponível em: <http://pdti.paginas.ufsc.br/files/2016/02/PDTI-UFSC-2016-2020-v1.1.pdf>. Acesso em: 20.set.2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Regimento interno do Núcleo de Estudos Açorianos – NEA. Florianópolis: UFSC, 1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Plano de desenvolvimento institucional 2010-2014. Disponível em: <https://pdi.ufsc.br/>. Acesso em: 29 jul. 2019. Florianópolis: UFSC, 2014.

VENTURA, Camila de Andrade. A tecnologia e os sistemas da informação em espaços museológicos: O Docmusa como suporte para a documentação. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/134317/TCC>

ANEXO A

Ficha de catalogação desenvolvida para o acervo do Núcleo de Estudos Açorianos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA SECRETARIA DE CULTURA E ARTE NÚCLEO DE ESTUDOS AÇORIANOS	
Ficha de Catalogação	
Nome do Objeto:	Número do Objeto:
Modo de Aquisição:	Outros números:
Data da aquisição:	Objetos relacionados:
Procedência:	FOTOGRAFIA
Localização:	
Descrição intrínseca	
Técnica de Produção do objeto:	
Origem do objeto:	
Dimensões	
Altura:	
Largura:	
Comprimento:	
Diâmetro:	
Peso:	
Estado de conservação	
<input type="checkbox"/> Ótimo () Bom	Observações:
<input type="checkbox"/> Regular () Ruim	
Descrição do objeto	
Histórico do Objeto	

Continua

Referências relacionadas ao Objeto	
Observações	
Data do Registro: ... / /	
Responsável pelo Registro	Assinatura:

ANEXO B

Inventário desenvolvido para o Núcleo de Estudos Açorianos.

Inventário dos Bens Culturais Musealizados no Núcleo de Estudos Açorianos					
Número de registro	Outros Números	Situação	Denominação	Dimensão física	Resumo descritivo
NEA.0001					
NEA.0002					
NEA.0003					
NEA.0004					
NEA.0005					
NEA.0006					
NEA.0007					
NEA.0008					
NEA.0009					
NEA.0010					
NEA.0011					
NEA.0012					
NEA.0013					
NEA.0014					
NEA.0015					
NEA.0016					
NEA.0017					
NEA.0018					
NEA.0019					
NEA.0020					
NEA.0021					
NEA.0022					
NEA.0023					
NEA.0024					
NEA.0025					
NEA.0026					
NEA.0027					
NEA.0028					

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE CULTURA E ARTE
NÚCLEO DE ESTUDOS AÇORIANOS

Glossário para preenchimento do inventário dos bens culturais musealizados do
Núcleo de Estudos Açorianos

O presente documento tem por intuito auxiliar no preenchimento do Inventário dos Bens Culturais Musealizados do Núcleo de Estudos Açorianos/UFSC, do qual corresponde a uma ferramenta reconhecida como obrigatória para alcance da resolução normativa nº1, de 31 de Julho de 2014, do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), pelo extinto Ministério da Cultura.

Art. 2º - O INBCM é um instrumento de inserção periódico de dados sobre bens culturais Musealizados que integram os acervos museológicos, bibliográficos e arquivístico dos museus brasileiros, para fins de identificação, acautelamento e preservação, previstos na Política Nacional de Museus, instituído pela Lei nº 11.904/2009 e regulamentado pelo Decreto 8.124/2013, sem prejuízo de outras formas de proteção existentes (BRASIL, 2014, p.1).

O Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados (INBCM) é um instrumento que deve apresentar uma série de informações limitadas a 15 (quinze) campos informacionais exigindo que cumpram seu papel de identificador. Portanto, com base na ferramenta instituída pelo IBRAM, foi elaborado um inventário que abrange algumas áreas informacionais que possam cumprir seu papel de identificar e auxiliar nas mais diversas atividades de pesquisa e documentação. No caso do acervo do Núcleo de Estudos Açorianos, deve-se destacar que a documentação museológica do Núcleo ainda está em andamento, de maneira que não compreendemos de forma completa o histórico e demais elementos informacionais relacionados, visto que não houve registro de entrada da maioria dos objetos que compõem o acervo.

Portanto, este inventário foi elaborado com a eleição de 6 (seis) campos informacionais, para que possam atender as demandas atuais, podendo ser utilizada como uma base conforme novas mudanças forem estudadas e aplicadas à esta ferramenta.

Os campos informacionais compreendem: o número de registro; outros números; situação; denominação; dimensão física; e resumo descritivo. Salientamos que a elaboração deste glossário se baseou nas informações de esclarecimento que já constam na resolução normativa citada.

a) Número de registro

Esta informação compreende ser obrigatória, de forma que possa distinguir o objeto conforme o sistema de numeração da documentação museológica implantado na instituição, para seu controle e identificação.

b) Outros números;

Esta informação é opcional segundo a existência de demais números de registro marcados permanentemente na peça, correspondendo a numerações anteriores ao número de identificação vigente na instituição que realiza a salvaguarda deste objeto.

c) Situação

Informação imprescindível para compreensão relacionada ao status do objeto do acervo da instituição, tendo três opções para seu preenchimento: 1 – localizado; 2 – não localizado; 3 – excluído.

d) Denominação

Corresponde ao nome que se identifica o objeto, informação dever estar contada no inventário segundo solicita o campo informacional.

e) Dimensão física

Informação obrigatória das dimensões físicas dos objetos que compõe o acervo, considerando as medidas dos objetos bidimensionais (altura x largura), tridimensionais (altura x largura x profundidade), e circulares (diâmetro x espessura).

f) Resumo descritivo

Corresponde a descrição textual do objeto, devendo constar as características físicas e sua função original, devendo ser objetivo e claro. Informação obrigatória.

ANEXO C

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE CULTURA E ARTE – SECARTE
NÚCLEO DE ESTUDOS AÇORIANOS – NEA
TERMO DE DOAÇÃO PARA ACERVO**

Eu _____,
nacionalidade _____, portador da célula de identidade nº
_____, expedida por _____, inscrito no CPF/ CNPJ de
nº _____, com endereço na

_____, telefone _____ e endereço eletrônico
_____, autorizo a doação incondicional do (s) objeto
(s)

_____, de
origem _____, e procedência
_____, e ano de
fabricação _____, ao Núcleo de Estudos Açorianos,
vinculado a Secretaria de Cultura e Arte da Universidade Federal de
Santa Catarina. Esta doação é realizada por livre e espontânea vontade e
sem quaisquer restrições quanto a efeitos patrimoniais e financeiros.
Transfiro todos os meus direitos sobre o (s) objeto (s) doado (s), nesta
data, a este órgão, ficando aceitas as condições em que se encontram
neste instrumento.

Após ter lido este Termo de Doação, e tendo compreendido seus itens,
confirmo a doação ao NEA/UFSC.

_____, _____ de _____ de 20____.

Assinatura (Doador)

Assinatura (Coordenação do Núcleo de Estudos Açorianos)

ANEXO D

**TERMO DE RESPONSABILIDADE POR EMPRÉSTIMO DE
MATERIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE CULTURA E ARTE – SECARTE
NÚCLEO DE ESTUDOS AÇORIANOS – NEA**

Eu,..... ,
 declaro para os devidos fins, que estou levando emprestado do NEA os
 materiais abaixo relacionados, os quais estou me comprometendo a
 devolver no dia/...../..... , até às..... horas. Estou ciente que, no caso
 de dano ou perda, serei responsabilizado (a) por tal ato, devendo arcar
 com os ônus da recuperação ou reposição dos materiais solicitados.

Fico também ciente que deverei procurar a pessoa encarregada pelo
 empréstimo, Sr (a)

..... , a fim de que o mesmo dê
 baixa neste termo de responsabilidade, sem o que, continuarei a
 responder pela posse dos materiais emprestados.

Especificação	Quantidade
----------------------	-------------------

.....

Declaro que os materiais emprestados foram:

- Devolvidos em perfeita ordem;
- Devolvidos danificados;
- Perdidos.

Nome

completo:.....

Endereço

completo:.....

RG do solicitante:.....

Assinatura do solicitante:.....

Telefone do solicitante:.....

Observações:.....

.....

Florianópolis,.....de.....de.....